

2008

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CEM ANOS DE GRATIDÃO

ANTÓNIO NOBRE

Vera Vouga

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

SÉRIE DE

«LÍNGUAS E LITERATURAS»

Anexo XIII

Propriedade – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Organizador – Francisco Topa

Tiragem – 150 exemplares

Capa: António Nobre junto da Estátua da Liberdade, 1897 – Biblioteca Pública Municipal do Porto, MA-António Nobre-III-3(a)-15

Execução Gráfica – – Tipografia Nunes, Lda- Maia; Setembro de 2008

TÁBUA

7	<i>Do vero verso ao rosto vero</i>
11	Três Cartas a António Nobre
13	Na véspera de não partir nunca
19	À esquina do Planeta
25	Bohemia Nossa
65	Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira
105	Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème
115	Les intimes contraires
159	Os versos radicais: génese do soneto «Ao Alberto»
217	Respiração dos animais de grande porte
233	Com que mãos
265	O projecto de edição crítica de <i>Primeiros Versos</i> : Problemas e perspectivas

DO VERSO AO ROSTO VERSO

Em circunstâncias agora idealmente inversas, a presente introdução seria dispensável ou poderia ter outra natureza. Tratando-se contudo de um volume que não obedece totalmente a um plano traçado pela autora, impõe-se que o editor o explicite e se justifique.

Há sete anos, no rescaldo das comemorações do centenário da morte do autor do *Só, Vera Vouga* reuniu um conjunto de textos que sobre o poeta fora escrevendo e propôs a uma editora a sua publicação num livro intitulado *António Nobre: Cem Anos de Gratidão*. A obra abriria com «Três Cartas a António Nobre» («Na véspera de não partir nunca», «À esquina do Planeta», e «Bohemia Nossa»), as quais se seguiriam seis artigos: «Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira», «Contraponto de um nome que se torna poema (Frequena bússola para marinheiros de primeira viagem)», «As fundas pulsações», e «Os versos radicais», «Respiração dos animais de grande porte» e «Elementos para uma casa absoluta». No entanto, o projecto – de que a autora me deu conhecimento, embora sem grandes detalhes – acabaria por se malograr, ficando remetido para um espaço quase limbo.

Em Agosto do ano corrente, apreensivo com o sofrimento por que Vera Vouga passava e ansioso por tentar reacender o ânimo a que nos habituara, ocorreu-me poder cumprir o seu desígnio, coligindo, em volume, numa edição modesta mas ternamente cuidada, o muito que a ilustre Professora dedicara a António Nobre. Mas graças ao empenho que pus no trabalho, a autora viria a falecer sem ver o livro pronto,

se bem que tivesse sido consultada sobre ele e tivesse aprovado o plano nas suas linhas gerais.

Teria sido possível retomar – com uma única modificação, resultante de uma impossibilidade que de seguida esclarecerei – o esboço preparado em 2001. Entendi, porém, que as circunstâncias legitimavam algumas outras adaptações.

Em vista disso, foram mantidos e dispostos na ordem estabelecida pela ensaísta todos os capítulos do *dossier* original, exceptuando o último – «Elementos para uma casa absoluta» –, que, na Tabua primeira, já surgia com a informação «(está a ser escrito)». Involuntária, esta supressão apenas se deveu ao facto de o texto não ter sido encontrado, sendo até possível que Vera Vouga o não chegasse a concluir.

A segunda alteração prende-se com os dois artigos originalmente publicados em Francês – «Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème» e «Les intimes contraires» –, sobre os quais a autora deixara a indicação «Para traduzir», apresentando mesmo na Tabua o respectivo título em Português. Conquanto não fosse impossível cumprir tal instrução, a verdade é que isso não só encareceria como atrasaria o volume e, conforme ficou implícito, este *António Nobre: Cem Anos de Gratidão* foi preparado com o tempo a urgir. Por outro lado – e isto foi particularmente decisivo –, estou certo de que a tradução, não podendo passar pelo fino tamis da autora, ficaria muito longe da sua vontade. Acabei, assim, por manter os artigos na língua em que foram escritos, o que é perfeitamente cabível numa edição universitária. Talvez a generalidade dos actuais estudantes sinta dificuldade com a leitura em Francês; mas ninguém poderá compreender a fundo a poesia de Nobre sem dominar a língua de Verlaine.

A terceira diferença deste livro, face ao esboço de 2001, reside no acréscimo dos dois últimos capítulos. «Com que mãos» é o prefácio à edição fac-similiada de *Bohemia Nova e Os Insubmissos* que Vera

Vouga publicou em 1999. Não se tratando de um texto exclusivamente consagrado à obra de António Nobre, poderia não ser incluído nesta antologia. Em todo o caso, julguei que se tratava de um estudo importante para a compreensão da figura e da obra do futuro autor de *Só e interpretei* como circunstancial a sua exclusão do plano de 2001: tendo vindo a lume dois anos antes, a Professora terá entendido que a sua republicação não se justificaria naquela altura. Pelo que toca ao capítulo final, trata-se de uma comunicação feita em conjunto com o autor destas linhas, tendo sido apresentada em 2000, num colóquio comemorativo do centenário da morte de Nobre. Incidindo num projecto que Vera Vouga desenvolvia – a edição crítico-genética de *Primeiros Versos* –, afirmou-se-me de todo pertinente a sua publicação. Mais uma vez, creio que terá sido deliberada a sua não inserção no traçado original: em 2001, previa-se que as actas do colóquio em causa saíssem em breve, o que acabaria por não acontecer.

Feito o esclarecimento, termina aqui o papel do organizador do volume. Todavia, não posso retirar-me imediatamente de cena, como seria vontade minha, dado que – cumprindo (alias com a máxima alegria) um desejo da autora – ainda me cabe acrescentar algumas palavras.

A primeira observação diz respeito à novidade que o volume representa, apesar de nenhum dos textos ser completamente inédito. (Re)lendo agora cada um deles, percebemos que são partes de um todo, etapas diferentes de um longo esforço de compreensão que visa o salto – para a frente ou para cima: salto a pés juntos no grande oceano da criação poética onde, face à falibilidade de outros sistemas, se descobre aquilo que um dia Barthes considerou a única garantia da modernidade, a moralidade da forma; salto para cima, que subita e mansamente nos eleva para um lugar mais alto, de onde é possível ver melhor a terra. Esta é uma percepção segunda. Não se procura. Acontece a qualquer adulto bem afeito que releia Nobre,

sem prejuízo de valor de outros juízos que possa ou não atribuir-lhe. acontece na globalidade da obra, mais especificamente em poemas inquestionavelmente magníficos onde, no dia em que estamos preparados para o pequeno salto, percebemos que, quer queiramos, quer não, saliamos, sem qualquer aviso, para uma imensa e indefinível cama elástica de onde o olhar sobre tudo o resto é, evidentemente, para baixo, e de onde nunca mais voltaremos a sair.

Percurso de uma vida, este caminho, que se percebe não ter sido fácil, foi feito ao contrário, do verso para o rosto, de modo a evitar o *peso da carga superflua*. Foi por isso que Vera Vouga pôde dizer que conseguiu *com deslumbramento inenarrável ver acontecer o poema, a luz por dentro*. E será também por isso que este *Antônio Nobre: Cem Anos de Gratidão*, resplendorosamente distante das formas correntes de ensaísmo, se imporá como um marco na bibliografia sobre o poeta do só. Não é certo porém que todos os leitores estejam preparados para uma abordagem que resulta numa espécie de revelação e que junta a um irrepreensível rigor uma intensa *chuva de amor*: da intérprete para com o leitor, numa espécie de urgência quase infantil em partilhar o prazer da descoberta. Este é, aliás, outro aspecto em que o livro e a sua autora se distinguem: a capacidade – alegre e discretamente didática – de partilha com o leitor, dando-lhe a ilusão de que também ele consegue, sozinho, passar *do carvão ao cristal, por fim à chama*, correndo o caminho que vai do verso ao rosto, um e outro Nobres, um e outro Veros.

Por tudo o que expus, não será difícil concluir que estamos perante um conjunto de estudos verdadeiramente modelares que, alicerçados numa metodologia assaz rigorosa e, ainda hoje, profundamente inovadora, nos oferecem, na sua diversidade, um retrato muitíssimo sólido da figura e da obra de António Nobre. Isso será talvez mais notório nos minuciosos trabalhos de crítica genética, «Les intimes

F. T.

Porto, 30 de Setembro de 2008

«Os versos radicais»; mas pode ser também observado na última interpretativa e na delicadeza com que Vera Vouga analisa as «Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira», mostrando que a última delas «é um texto de paixão. Ingênuo e fragmentário, galga todos os diques que para si o A. traçou e nós mesmos lhe fomos traçando». De uma outra maneira, comprovam-no também as abordagens de conjunto presentes em «Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème» e «Respiração dos animais de grande porte» ou a indispensável explicação prévia contida nas «Três Cartas a António Nobre»: *O que venho trazer é gratuito. Não falo do agradecimento preciso, limitado, reversível na sua reciprocidade exigua de favor trocado. O sentimento de que falo é outro. Na horizontal desdobra, limitadamente, a entressonhada projecção do vértice. Cada parte reflecte a outra parte gêmea, em cada uma ecoam as outras do cosmos.*

Que me desculpem os leitores que já sabiam tudo de António Nobre. – sem qualquer ponta de ironia, esta podia ser a frase de abertura do livro. *Mais il est des êtres d'exception qu'un simple nom, reçu lors du baptême, parait vouer à une certaine destinée.* – será esta, aplicada a Vera Vouga, a frase com que termino esta nota de apresentação.*

TRÊS CARTAS A ANTÔNIO NOBRE

* Publicado, sob o título de «Carta a Antonio», em *Anno – Revista Semestral de Cultura*, n.º 7, Amaranje, Primavera de 2000, pp. 156-160.

Há tantíssimo tempo que lhe devo certas explicações. Algumas, não creio seja ainda altura de escrevê-las – o futuro dirá se o que hoje se afigura incumprimento acabará por ser cumprido, com o crescimento certo que cada passo do caminho necessariamente acrescenta. Mas, para que não fique tão imponderada a eclipse, lembrarei o que parece uma singela oposição polar, quer seja ou não acompanhada do valor acrescentado da genialidade: há os que são eternamente filhos, podendo deixar *arrefecer os ovos e a costeleta*, para afinal *tr-se-lhe o appetite embora* e não comer. A alguns desses foi realmente concedido o gênio e a necessidade de transfundi-lo em forma tátil; e claro que

Antonio,

Na véspera de não partir nunca

Porto, Segunda-feira, 28.VIII.2000

NA VÉSPERA DE NÃO PARTIR NUNCA.

tem de haver as mães. Porque trazem ao colo o mundo, elas sabem que comer garante a vida. Que é preciso comer para ser regaço. E o seu colo é sempre partilhado. Muitos filhos, às vezes, o disputam. Os génios, às vezes, solicitam-no, como o vaso seguro onde o mais atento e rigoroso afecto ajuda a decantar as partículas de luz. E, afinal, pequena serventia. Julgo que aos génios serve para afeirir melhor a mão universal que todo o filho eterno solicita o embale: *Dorme, menino, dorme, dorme, dorme, dorme, dorme*.

Agora entende-se talvez melhor a radical disparidade, funda razão de ser do que nos une. E talvez possa desculpar-me quando, *para tão longo afecto*, parece haver tão pouco colo disponível. Mas deixe-me contar umas coisas antigas. Sem qualquer veleidade de começar pelo princípio. A nossa história é sempre tão comprida que conta-la seria escrito de outro porte. Vou apenas falar durante algumas folhas – e prometo que tento encher a folha mesmo até ao fim.

A nossa amizade nasceu de uma admiração com reservas. Da sua parte? Não, claro que não, nem quero imaginá-la! O seu providencialíssimo silêncio assegurava-me a coragem para continuar. Por favor, não diga nada. No paradigma histórico que lhe foi proposto, os versos conversavam-se tão-só com os amigos. Agora é o tempo da posteridade. Não seja tão irónico no seu primeiro olhar... Claro que neste *último século antes do Homem* ainda se escreveu *As mulheres são visceralmente burras*, acompanhando, aliás, versos como *Os homens são visceralmente sacanas*. Mas, acabado esse tão longo e encardido rol de lavandaria, Sena envolveu, com um profundo olhar de compaixão, os seres humanos do tempo até então e de depois: *Nunca vos falarão como a fibros, nunca vos pagaram como a bomens, nunca vos trataram como a anjos*. Apetece-lhe responder a quem assim deixou pousar esta *bola de lama* em sua mão, como quem a transmuta em pedreira pepita? Então, por favor diga: *Sede de imensa luz como a*

dos para-raios. Sena responderia Um só poema basta para atingir a terra. Sempre me pareceu que acabariam por tornar-se amigos.

Estava a tentar dizer como a nossa amizade nasceu de uma admiração com reservas, da minha parte que já vimos modesta. Ri-se com manifestas incredulidade da minha temerária confissão? A sua curiosidade mais-que-irónica concede-me, pelo que vejo, mais uns momentos de atenção. Muito bem, vou direita às reservas. Antes de mais, o seu cultivo dos mitos de inspiração ingênua, justada, narcísica, egolátrica, grandjeando-lhe uma pleiade de admiradores respeitáveis, justadas, santíssimos, produtores de santos, de voz quebrada por um fervor sincero mas como que envolvido, num certo nevoeiro quase autista, o longo sono de cem anos que o Poeta, com seus mitos, sibilinamente decidiu dormir.

Curei-me assim dessa distância: mergulhei a pés juntos num espólio generoso, dividido, softivelmente divulgado e sem catalogação que ajudasse. Vi quase tudo com o olhar aberto de quem quase não sabe e pouco lembra o que ficou para trás. Vivi a sós com os seus papéis, como se os horários dos reservados fossem o único relógio do mundo. Veio o conhecimento, depois a simpatia, a seguir o convívio. Identifiquei as pequenas coisas, os gestos mentais e os gestos da escrita, o traçado da letra, os papéis de carta sucessivos, os cartões de visita. Quase adoeci com as anotações da febre, dos médicos que auscultaram Antó, das cartas timbradas dos sanatórios das montanhas, da compulsão da escrita até ao grafismo – por doença, exaustão e, sobretudo, *tédio, tédio, tédio e nada mais*. Sai do vórtice desse Novembro eterno pelo deslumbramento. Depois do conhecimento e do convívio comovido, encontrei a frequentação teimosa e insistente de quem quer entender. Entrei no seu atelier sem chave própria – apenas com a chave virtual que, momento a momento, se constrói, a chave mestra nunca definida da relação com o que se ama até que os neurónios fiquem quimicamente saturados

Sai-se sempre desse êxtase quando se escreve sobre ele, limitados ainda a falar de fragmentos, a existir com limites, a usar uma língua afastada da origem única do entendimento universal. Sai sempre que escrevi sobre si e mais ainda quando não o fiz, ficando e desfilando outros noveles no colo cada vez mais abrangente. Mas é ainda lá que continuo deslumbrada, que fundo o olhar sobre toda a escrita da terra, que atreço a lupa com que descubro, no fragmento, o todo, e na diferença, a idêntica, recorrente, saturada busca da perfeição pressentida. Da forma tornada possível que, instaurando sobre qualquer objecto nomeado (seja ele o mais extenso rol decadentista da dor do mundo servida como néctar – e era esta, já se vê, a segunda reserva inicial), a cósmica harmonia da música do verso. O que lhe devo são os seus versos mas, muito mais do que os seus versos, um entendimento que se fez lugar. De raiz e de copa formada, de silêncio e conhecimento partilhado, de singularidade e de recorte universal. Desse lugar me oriento para outras escritas, de outros poetas que, felizmente, tenho contado como amigos. Como de modo progressivo o

desse alimento procurado e, na contemplação, os cristais desse mel se formem, as evidências se insturem, as certezas se decantem e *chama a si mesmo se alimante*. Liberta do peso da carga supérflua, foi com deslumbramento inenarrável que vi acontecer o poema, *a luz por dentro*. Modestamente, seguidamente, do carvão ao cristal, por fim a chama, ainda que aqui e ali de altura irregular. Dissipado o nevoeiro dos mitos, tão adequadamente protector da mais secreta busca, a verdade da produção poética abre-se nítida e solar, indesmentível, desarmada, pura. Descubri-lhe reservas onde eu também as tinha, continentes ardendo de baixo de savanas, e a *moralidade* íntima e *última da forma*. O dia em que entendi que umas páginas um quase nada escritas do último caderno eram a tentativa escrita em um verso e tanto de fazer emergir um soneto foi, queria agora dizer-lhe, dos mais solares da minha vida. *Era uma casa – como direi? – absoluta*.

Antonio, *Arcadyo, meu irmão, amigo*, olhando a poesia do mundo, é ainda, silenciosamente, desse lugar que nos legou, que desvendei, que a contemplo. *Ato, desato e ato o mesmo lago*. Agora abro o regaço e não vejo aparecer nem pão nem rosas. O que venho trazer é gratidão. Não falo do agradecimento preciso, limitado, reversível na sua reciprocidade exigua de favor trocado. Divisor de afectos, a

claridade certa de que *a morte não nos pertence*.
os *ombros*. Cumprir agora afastar *a rosa impura da tristeza* com a o colo nunca se divide mas se multiplica. Mas *rosa a rosa murcharão* a cerca do teu sopro». Foi nos livros de Daniel Faria que aprendi que «Tomou da haste a flor da minha infância alada»: «Abriu-se em ferida manhas». Vou citar outro de que gosto muito (quase tanto como do seu a descida inevitavelmente se adivinha: «Sobre este dia precipitem as era um daqueles primeiros versos perfeitíssimos a seguir aos quais Repare apenas neste «lixo» que, em última campanha deitou fora e após, deixando, entre outras coisas, um livro quase pronto, que revi. puxasse a manga do casaco que vestia. Faleceu muito jovem, um ano pedindo-me que, rigorosamente, implacavelmente, afectuosamente, apareceu-me com a surpresa de dois livros belíssimos, para editar, de primeira água. Um dia estive e, três anos depois, Daniel Faria Nunca pensei, quando dizia isto, estar a falar para um poeta

deuses? Olhe que ainda por cima vão cita-lo...».
não pode acabar assim? Que está tão abaixo dos versos dados pelos por favor não acabe assim a *Lusitânia no Bairro Latino!* Não vê que puxado de leve a manga da sobrecasaca e pedir: «O António Nobre, me compensarei de não ter podido chegar ao pé de Nobre, ter-lhe de coisa concreta e acabada, dei comigo a dizer-lhes: «Meninos, nunca (agora da idade dos meus filhos) a abrir um verso, na sua perfeição do tempo, à medida que o colo crescia e habitava os meus alunos *esquinas do Planeta*, e, uma vez ou outra, em orações. Com o passar fui também a si considerando, incluindo-o em tantas referências, tantas

separar com muros o eu e o não-eu, atento a cobrar dívidas e, como tal, *habitus* do orgulho, da radical separação, do delírio da posse, do ciúme. O sentimento de que falo é outro. Na horizontal desdobra, ilimitadamente, a entressonhada projecção do vértice. Cada parte reflecte a outra parte gêmea, em cada uma ecoam as outras do cosmos. *Aqui a unidade não se divide. Aqui a unidade é.*

Começa o tempo onde se une a vida à nossa gratidão.

Vera Vouga

P.S. *Ultima hora.* Antonio. *Reli. Perdi muito entusiasmo.* Não sei o que acho do que escrevi. Calcetei as palavras com a memória das suas e de Alvaro de Campos, Camões, Jorge de Sena, Roland Barthes, Plató, Daniel Faria, Camões, Herberto Helder, Albano Martins, Ildásio Tavares e Almada Negreiros. Mesmo assim, temo seja ridículo. Se a única garantia que tenho é não receber nunca a carta que acabasse com *Abrigo-te, Antonio*, garantirei por mim que o que escrevi jamais passará de rascunho. V. V.

* Publicado na revista *Correios em Directo*, n.º 8, 4.º trimestre de 2000, Lisboa, CTI, pp. 23-25.

Desde que lhe escrevi aquela carta, em 28 de Agosto, para a revista *Anto*, com a garantia de que não receberia de si a resposta terminando com o conhecido, carinhoso, quase certo *Abraço-te, António* que perdi o medo de escrever-lhe. Nela contei algumas coisas que queria muito dizer-lhe, coisas velhas, amigas, de muitos anos. Disse. Prometi

António,

A esquinha do Planeta

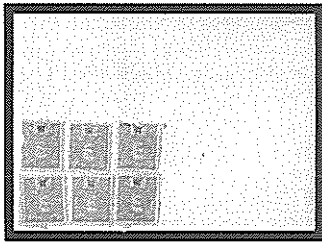
Porto 2000, Sábado, 18.XI.2000

À memória de meu tio Júlio Vouga, que consagrou a sua vida de trabalho ao dedicadíssimo serviço nos CTI, como à de todos os que, anonimamente, asseguraram e asseguram a chegada da informação a nossa casa.

À ESQUINA DO PLANETA.

depois, no P.S., que o que tinha escrito jamais passaria de rascunho, provisório e esquisso de uma perfeição por mim nunca atingida e só a esse título eventualmente publicável.

Por ser verdade ainda o reafirmo agora, no momento em que começo um novo esquisso para meter num envelope aéreo, a enviar para o espaço, à esquina do universo. Que me autoriza a isso? A existência dos selos. Ter há pouco encontrado, no lote 475 do seu espólio, só agora catalogado, seis estampilhas intactas, conservadas na sua carteira ([Selos de Correio]/ Correios, Portugal, Continente – [1889-1900] – 6 espécies; 3x3 cm; com retrato de D. Carlos – selos de 25 réis). Sempre tinham estado lá, na Biblioteca, como um pequeno orvalho



enigmático, discretamente iguais, discretamente disponíveis para quem as tocasse, para quem as quisesse usar. Eu tinha-as visto há anos, sem contudo entender que pudessem ser a mais secreta e risonha prova de que nem todas as cartas que se começam se acabam, de que nem todas as cartas se mandam. Isso que conclui, atravessando o vórtice da dúvida, com as três cartas suas a Alberto de Oliveira que, sem alguma vez terem sido enviadas, tocaram, virgens de cem anos, os meus olhos, depois, por minha mão, os dos leitores do volume da *Colóquio* «Memória de António Nobre», as estampilhas por usar, guardadas desde a época da mais antiga das três cartas, sibillanamente mostravam sem que, na época, eu tivesse podido entendê-lo. Duas por carta (por hipótese), mostravam o destino guardado das três cartas escritas, na verdade por expedir. Só agora o entendo.

Como entendo também que o seu sentido não acaba aí. O seu não-uso permite o pleno uso. É um convite para que alguém lhe escreva um qualquer dia – hoje. Da sua parte o tomo e me artisco a cumprilo. Seguir-se-á ainda, talvez, uma outra carta, se me sobrare, como creio, as estampilhas. Se achar indesejável, por favor faça-me saber.

Antônio, sabe? Não era assim que queria começar. Queria dizer: Antônio, acorde, já passaram cem anos! Que importa o resto, a comemoração? Este é o tempo perfeito das histórias de fadas em que o herói pode acordar, já maturado e pronto para viver, reanimando o mundo que entre parênteses deixara, também com ele, adormecido. Antônio, *tem razão*, vinha cedo, *desculpe*. Tantas vezes fez no seu livro ecoar a resposta a *Bairro Latino!* *dorme um pouco/ Faze, meu Deus, por sossegar!* em termos tocantísimos de singularidade universal:

– *Vá, dorme, que vens cansadinho.*
– *Adormecei-me nessa voz... cantai!*
– *Dorme o teu sono na última esperança*
Eterna como os séculos e as flores,
Pra todo o sempre, minha flor! Descansa...
– *Ai quem me dera entrar nesse convento*
Que há além da Morte e que se chama A Paz!
– *Dorme, mentino! Dorme, dorme, dorme!*
.....
Dorme, criança! Dorme, sossegada,
.....
Dorme, meu anjo! (A noite é tão comprida)
.....
Dorme, meu filho, cheto de sossego,
–
Ab, deixa-me dormir, dormir!

Anto, sim, *tens razão*, vinha cedo, *desculpa*. Ninguém podia sobrepor-se ao final deste Livro, onde Deus diz, por fim, *Dorme*, *dorme*. Bem o sei, bem o sei. Mas talvez todo o tempo possa ser tempo de despertar. De despertar em qualquer plano, *semeando estrelas e plantando luas*; de projectar sobre o céu e a terra *sede de imensa luz como a dos para-raios*. Espiritualmente, despertar para o tempo novo que desponta e a que já foi chamado o sagrado século XXI. Volto a evocar o que escreveu Herberto: «Começa o tempo onde se une a vida à nossa gratidão». Como? Pois claro! Eu sei que sempre a revei De Aninhas da Eira aos carreirinhos das formigas, o *Só* não fala de uma *bola de lama* mas de uma bola de ouro que a palavra solar tece de júbilo. É o *livro mais grato que há em Portugal*. Sim, sim, aprovo que agradeça aos CTT toda a cadeia de mãos humanas que iluminou as nossas caixas do correio. Que agradeça também a todas as cadeias do e-mail o correio electrónico que dispensa estampilhas, o *facteur* de terras de França, o carreiro de Pablo Neruda ou de Pessoa, mas nunca a gratidão pela mente que concede e pela mão que assegura. Eu sei: a gratidão e o júbilo são a essência do esplendor do verso e sempre os praticou, igualável mestre.

Tentugal todo a rir de casas brancas!
Bois a pastar ao sol, aves dizendo missa
À natureza e o sol a semear justiça!
(Isto – tu sabes? Faz vontade de cantar)
Mimbaz visões! Entra, entra, não tenhais medo!
Pela janela desse mundo amplo e rasgado!
Que belo dia! O sol, obrigado, obrigado!
Paisagem outonal, alegria-te também!
Hoje, não quero ver ninguém triste, ninguém!

Há cem anos guardadas no livro mais mito que há em Portugal, sonham imagens de pura alegria onde se forma um mundo novo, dicionário magnífico de cores.

Que vista admirável! Que lindo! Que lindo!

– *Mas qual a vila, qual a aldeia, qual a serra*

Que este Palácio da ventura encerra?

– *O Espírito, a Nuvem, a Sombra, a Quimera!*

E o primeiro homem, deslumbrado dirá:

– *Que grande é o mundo! E eu sou! Que ventura tamanha!*
Ninguém! Meu pai é o céu. Minha mãe é a montanha.

Que diz, António? Não foi bem assim que escreveu? Foi, foi, deve estar tudo num qualquer futuro manuscrito que já vi. *Adens, eu parto, mas volto, breve (...)* *Adens!* Os ventos são meigas brisas/ *E brilha a lua como um farol! Que vista admirável! Que lindo! Que lindo! O soli O soli O soli (As lavandiscas noivas, piando, piando!) Adens, tão longe, tão longe a terra! Adens. Adens. Adens.*

Fecho o envelope ideal.

Regresso a este século só com o meu coração.

Vera Vouga

P.S. Todo o itálico é citação, evocada por montagem, do *Só de António Nobre*.

* Publicado em *De Almeida Garrett a António Nobre – Actas do Colóquio*, Maia, Câmara Municipal da Maia – Pelouro da Cultura, 2001, pp. 35-72.

Antonio,
Hesitei muito, sabe?, antes de começar esta terceira carta. Claro que, desde aquela primeiríssima carta, de Agosto, em que contava tão longas e sentidas coisas, escrever-lhe era menos difícil; desde a segunda, aproveitando as estampilhas deixadas na carteira, sem uso,

Domingo, 3.XII.2000

yvougã@esoterica.pt

ou

R. Costa Cabral, 2235, 8.º Esq.º
4200 – 230 Porto Portugal

À memória de Augusto Nobre
e de Alberto de Serpa

BOHEMIA NOSSA.

por cem anos, escrever-lhe tinha-se tornado mais natural. E, se viessem a sobrar estampilhas, a terceira carta (para a qual tinha assunto já certo e bem alto, *top secret, top secret, vera*), adivinhava-se iminente.

Mas veja, meu amigo, no que fui *bestiar*: na preferência das *minhas duas addresses*. Não escrevi [logo] e gastei, ou antes estraguei *duas folhas de papel*. Porque queria a todo o custo (*Transforma-se o amador na coisa amada*...) mandar-lhe, no campo branco desta *folha de papel*, o nome do país que lhe permitisse escrever «Portugal, a linda nação onde tu moras, cujo nome, aqui, não sei se por o ouvir citar e escrever, todos os dias, se me afigura caligrafado e em som, cheio de ar, tom, alegre, elegante. Olha aquele t: – não te parece, tal qual, o Toy? E só hoje lhe escrevo! E que a segunda *adresse* é mais rápida e já nem necessita de estampilha. Enfim, embora apenas por sínodoque, lá tem o *Portugal* como *pt*. Com o *t* presente, talvez lhe sirva. Por favor, peço-lhe que escolha.

Vamos então ao tal assunto *top secretissimo*, pode ser? Olhe, deixo de parte todas as cerimónias e hoje lanço-me, sem excesso de zelo pela sua intocável genialidade, numa carta imprescindível e directa, mesmo que *mal sintaxada*. Não estranhe o António que, por contraste com o que já fiz, me apoie, desta vez, em palavras de cartas suas e não, basicamente, em versos seus. Uma *palestra* por e-mail, *beem? Perguntas e respostas* (...). *Olhe que isto é a sério*. Lembro-lhe o que sabidamente escreveu ao seu amigo Alfredo de Campos: «Neste ponto sinto-me embaraçado para te dizer o que há-de fazer. Não sei. Entendo que o melhor é conversar com as raparigas (...) porque elas são necessárias para ajudar a completar a educação dum homem. Um homem que nunca fale a mulheres é um animal. Falta-lhe um quê, um tique que só elas nos podem dar. Talvez elas não te aturem, porque tendo notado nas poucas raparigas que conheço em Leça, que elas quando estão comigo ficam caladas e só eu é que falo. Dai o que

resultar? É que eu fico calado também. Talvez elas digam consigo que eu não sei conversar. Enganam-se se tal dizem porque as de Lisboa e do Porto gostam de mim.»

Julgo que muitas. Mas vamos ao assunto (*Organi Organ!*). O meu amigo Paulo Francheti, da Universidade de Campinas, enviou-me um conjunto de folhas que adquiriu num *sebo* de S. Paulo, com o maior sigilo, para eu lhes dar a interpretação e destino que achasse melhor. Ponderou muito esta decisão mas, apesar de ser muitíssimo competente nesta área, de ter sido mesmo responsável por uma Edição Crítica, preciosa, dos poemas de Camillo Pessanha, achou que os tais papéis deveriam voltar ao Porto, onde devem ter estado longamente guardados, e passar pelas mãos de quem reeditou as revistas *Bohemnia Nova* e *Os Insuáveis*; portanto, as minhas mãos. O tal alfarrabista brasileiro (que, de momento, não quer seu nome revelado) contou que o lote fora pertença de Alberto de Serpa, a quem os portugueses tanto devem, mas, antes de a Biblioteca Municipal do Porto ter adquirido o seu acervo, tinha sido levado para o Brasil, razão por que não tinha nunca sido visto ou inventariado por aqui.

A base deste lote é uma lista manuscrita, de punho não identificado. Intitula-se *Bohemnia Nossa* e consiste numa lista de poemas [a publicar?] de quatro autores, a saber, Camillo Pessanha, Eugénio de Castro, Francisco Bastos, António Nobre. Os poemas aparecem indicados pelo primeiro verso e pelo título, caso o possuam. O papel é exactamente o mesmo de algumas listas, de pequeno formato, feitas por si, hoje devidamente inventariadas e descritas no catálogo do seu espólio. Alguém, para melhor entender e dar corpo à improvável e enigmática *Taboa*, fez rigorosa cópia, a partir das edições fáveis, do lote, relativamente recente, como que preparando o seu melhor entendimento e eventual edição.

Com o coração a bater muito depressa, li a surpreendentíssima lista e, depois, a sua concretização, nos textos rigorosamente copiados, por não discreta e cúmplice, que no final transcrevo. Seria a lista autêntica? Como juntar no mesmo espaço textual os nomes que separara? *Bohemia Nossa*, 1 de Janeiro de 1890, era decerto o primeiro número, talvez único, porque a continuação se faria pela diversidade de linguagens, definitivamente em livro, de uma revista de conversância, radicalmente ecuménica, na poesia portuguesa. Fechando a era da guerrilha dos diabinhos de cartola, da crítica pessoal, da piada, do chiste, inauguraria, na nova década, a era de regência da música. O projecto, ainda por rever, formava um todo. Dele Pessanha creio que não diria o célebre, implacável «*Consta de tentativas*», ainda que cada autor não tivesse, aqui, atingido o seu ponto mais alto. Porque nessa época, para formar um texto que, no seu todo, superasse a soma das partes, vibrando em harmonia, o nome mais recondito da *Bohemia Nossa* seria, como foi *Orpheu 3*, um texto reservado para o futuro ler. Nova *Bohemia* inteiramente *Nossa*, no virar de um milénio de inadável paz. Onde o leitor contemporâneo encontrará, sob a linguagem de cada autor e sua tessitura epocal, a grande linha do horizonte por onde a paz pode esboçar-se porque se traça com as prodígias tintas do amor – a larga escala que harmoniza o tom mais sensual, o mais tépido, o mais espontâneo, o mais motivo literário, o mais solar, o mais nocturno, o mais intransfereível, o mais difusamente cósmico, o mais alacre, o mais sentido, o mais sombrio, o único e o todo. E o todo é cosmos, o todo é harmonia, o todo é júbilo. *Bohemia Nossa* inteiramente nossa.

Vejá, António, eu não tenho a *neurose da página*. Quando acabar de expor (já falta pouco), despeço-me, prometo. Já sei que já pensou: mas que tenho eu a ver com isto? Tem tudo a ver, repare. Antes de mais,

por mim, pelos leitores, vou já agradecerendo. Para logo solicitar a sua ajuda. E que, com a indicação do seu nome, aparecem – repare – dois conjuntos de textos separados por «ou». Com os outros autores, tudo está muito claro, mas, no seu caso, não. Que grupo deveria escolher? O segundo, o que começa com o poema «Os rios», é realmente bom, muito homogêneo e pacífico. O primeiro, globalmente anterior no tempo, na sua poética mais incipiente e irregular, é tão fresco, de tão desarmante e sabedora ingenuidade! Mas que trabalhos nos legou o seu génio! O que desejo, o que desejo, realmente? Transcrever os dois grupos, tal e qual. Mas como, tal e qual? O poema «*Elleni! Meu céu!*» aparece em duas versões diferentes. O que é que eu penso disso? Que, por exemplo, usou o adjetivo «*amigo*» como nenhum poeta em Portugal. O resto, hei-de pensar, espero, então, quando de facto houver a permissão dos deuses, poderá ficar pronta a Edição Crítica dos seus *Primeiros Versos*. Mas, para já, ainda tenho o coração a bater tanto...

Como, que diz? Verificar as datas? Sim, sim, está tudo certo, por aí. Porque não entra o Alberto? A razão é só esta: os seus leitores, António, há muito consagraram de Alberto, como um mito, as tantas páginas postais que se perderam. Para sempre virtuais, seguras, intocáveis, perfeitas. Mas diga, o que faço com a sua dupla colaboração? Ah, boa ideia, este número mítico de *Bohemia Nossa* deve ser duplo. Espera-se a restante colaboração e fica assegurada a totalidade da sua. Esta revista será talvez uma imagem da outra, universal, por si sonhada, que refere a Antero de Figueiredo como o Impica. Para vê-la sair, não bastariam, creio, os *mais alguns anos* que a sua *particular curiosidade* lhe indicava se demorasse neste planeta. *Qualquer dia* [o António] *jura-nos que há alma, que há outra vida além desta, onde se é mais feliz e onde diminuirá bastante a nossa ansia imensa de Felicidade (...).* Ora diga: *para que serve trabalhar intelectualmente e fazer sacrifícios enormes de todo o género, com os maiores sofrimentos, se tudo isso*

não fosse aproveitador? E a vida é tão curta! E as nossas amizades da Terra todas elas acabariam? Impossível.

Mande, por favor, dizer o que acha, senhor *Engenheiro de Ideais* e *plantador do verso a haver.*

Abraça-o a sua amiga,

Vera Vouga

P.S. Acabo de receber correio enviado por anobre@galactica.universo.sansblague, Antonio. Nada escrito! Só traz pois pequenos anexos em forma de P.S. Não quero desgostá-lo, mas não é assim muito original. O Alberto Pimenta, por exemplo, já publicou um texto só com pontuação e notas de rodapé. *Abro o envelope ideal: «Não há ninguém que faça melhor uma carta do que uma rapariga (...). Dizes que não és poetisa. Felizmente. Deus me livrara de tal. As raparigas não devem preocupar-se com versos: não devem bordar palavrões, mas sim bordar costura (...). Não posso ver as literais». O.K., se isso o faz contente, se calhar tem razão. Nem tentarei contradizê-lo com outras conhecidas frases suas. Lembrou-me apenas que sobrevivi, tão bem que até o citei, ao «anógrafo» do Vasco Graça Moura, com aquela passagem das «jovens universitárias cheias de gás». Estou pronta para esta sua *doucha* de ironia.*

No segundo anexo manda o «Bilhete»?: «*Não acredites, flor! No que disser o poeta. / A sua alma é vil, enganadora, abjecta! / Quando ele abraça a musa e beija a amada lira / Ah! Faz somente vibrar as cordas da mentira! / Diz que te adora? É falso! Oh, não te fies nele! / Evita o seu sorriso, o seu olhar repele! / E os bilhetes de amor que algum te enviasse*

*outrora/Arremessa-os sem dó pela janela fora./ Que o poeta se fala,
às vezes, em amor./ Não é porque ame: é só questão de rima em or...».
Pelo que vejo, quando um dia começar a mandar-me os atrasados,
artisco-me a entrar para os santos da sua devoção. Mas terei cautela,
não me faça mal, que é o risco mais alto que há em Portugal!*

BOHEMIA NOSSA

Taboa:

Camilo Pessanha

Desejos – *Se medito no gozo que promette*

Crepuscular – *Há no ambiente um murmúrio de queixume*

? – *Não sei se isto é amor. Procuvo o teu olhar*

Estátua – *Cançei-me de tentar o teu segredo*

Eugenio de Castro

Pelo *Pere-Lachaise* ando *passando*, *errando*

Seis de setembro, sexta-feira. A minha Amada

Tua frieza augmenta o meu desejo

Avei triqueira desdenhosa e triste

Francisco Bastos

A Flor – *Numa tarde eu pedi-lhe um beijo a medo*

Profanação – *Aos domingos, na igreja, o teu olhar*

Versos sinceros – *Quando me vres triste e pensativo em meio*
 Sensualismo – *Quando o sangue circula pressuroso*
 Harmonia do crepusculo – *Vou-me afundando musculo por musculo*

Antonio Nobre

Ingleza – *Chama-se Ellen. Nasceu na Gran Bretanha, e diz-se*
 Cheia de Graça – *Não sei que sinto n'alma, quando avisto*
 Ave-Maria – *Ave, Maria das dôres!*
 Tomber du ciel – *Tres da manban. Não me deitei ainda,*
 Alem-Soll – *Meu luari meu ceu! meu norte! meu abrigo!*
 Ellen! meu ceu! meu norte! meu abrigo!

ou

Os rios – *Os rios tem cantigas de ceifeiras*
 Entero de Ophelia – *Morreu. Vae a dormir, vae a sonbar...*
 Deixal-a!
 Srª Iria – *N'um rio virginal d'agoas claras e mansas*
 Iamos sós pela floresta amiga
 Nasceu a Lua. No convento, agora
 Bem sei que o nosso amor é uma chymera

NOTA AO LEITOR

O ano passado, quando acabava de publicar uma edição fac-similada de *Bohemia Nova* e *Os Insuabmissos*, as célebres revistas que em Coimbra, no ano de 1889, firmaram os grupos liderados por Antônio Nobre e Eugênio de Castro, fui convidada a apresentar na Maia uma comunicação sobre esse tema. Solicitaram-me, mais tarde, um texto escrito. Como de modo algum encarava repetir o que acabava de publicar no prefácio, ocorreu-me a hipótese de produzir uma ficção. A sua base assenta no rigor de qualquer ensaio onde se desdobre a onda do raciocínio produzido com júbilo e da paixão longamente aferida; a forma epistolar decorre de outras duas cartas que o ano do centenário, no tempo que mediu, viu surgir. O resto, como o leitor arguto há muito já terá intuído, é pura e carinhosa ficção calceada com muita citação, em itálico, do texto de Nobre, poema ou, sobretudo, carta. A reconstrução dos poemas ficcionalmente possíveis faz-se a partir das seguintes edições:

Camillo Pessanha, *Clepsydra*, Edição crítica de Paulo Franchetti, Campinas, Unicamp, 1994.

Eugênio de Castro, *Oarristos*, Coimbra, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1890.

Francisco Bastos, *Versos*, Typografia da *Aurora do Cavado*, 1898.

Antônio Nobre, *Primeiros Versos*, Porto, 1921; 56, Paris, Vanier, 1892, exemplar com correções autógrafas, Biblioteca Municipal do Porto, MA - Antônio Nobre - I - I [c]-2

DESEJOS

Se medito no gozo que promete
A sua bocca fresca e pequenina
E o seio mergulhado em renda fina,
Sob a curva ligeira do corpete,

Desejo, nun's transportes de gigante,
Estreita-a de rijo entre meus braços,
Até quasi esmagar n'estes abraços
A sua carne branca e palpitante;

Como, d'Asia nos bosques tropicaes,
Apertam em spiral auri-luzente,
Os musculos herculeos da serpente
Aos troncos das palmeiras collossaes...

E como ao depois, quando o canção
A sepulta na morna lethargia,
Dormitando repousa todo o dia
A sombra da palmeira o corpo lasso;

Eu quizera tambem, adormecido,
Dos phantasmas da febre ver o mar,
Mas sempre sob o azul do seu olhar,
Envolto no calor do seu vestido;

Como os ebríos chinezes delirantes
Aspiram, já dormindo, o fumo quieto
Que o seu longo cachimbo predilecto
No ambiente espalhava pouco antes...

CRBPUSCULAR

Ha no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos d'amor, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madre-silvas murcham nos silvados
E o aroma que exhalam pelo espaço
Tem deliquios de goso e de canção,
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se spasmos, agonias d'ave,
Inapreensíveis, mínimas, serenas...

Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas,
O meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d'anemia,
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
E este enlanguecer da natureza,
Este vago sofrer do fim do dia.

Não sei se isto é amor. Procuro o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca d'um abrigo;
E apezar d'isso, crês? nunca pensei n'um lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.

Por ti nunca chorei nenhum ideal desteio.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito,
Como a esposa sensual do *Cantico dos canticos*.

Se é amar-te não sei. Não sei se te idealiso
A tua cor sadia, o teu sorriso terno...
Mas sinto-me sorrir de vêr esse sorriso
Que me penetra bem, como este sol de inverno.

Passo contigo a tarde, e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jámais de te beijar na bocca.

Eu não sei se é amor. Será talvez começo.
Eu não sei que mudança a minha alma presente...
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.

?*

ESTATUA

Cansei-me de tentar o teu segredo:
No teu olhar sem còr, — frio escalpello, —
O meu olhar quebrei, a debatel-o,
Como a onda na crista d'um rochedo.
Segredo d'essa alma, e meu degredo
E minha obsessão! Para bebel-o,
Fui teu labio oscular, n'um pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de medo.
E o meu osculo ardente, hallucinado,
Esfrizou sobre o marmore correcto
D'esse entrecaberto labio gelado...
D'esse labio de marmore, discreto,
Severo como um tumulo fechado,
Serenos como um pelago quieto.

Pelo Pere-Lachaise ando passeando, errando...
Como no espirito as ideias, vae um bando
De folhas mortas, amarellas, pela rua...
Sedosa a luz do sol, sedosa, se atenua,
E seus raios subtis, cabellos loiros, pallidos,
Doiram ao longe o auroco domo dos Invalidos.
Em que estaras pensando agora, minha Amada?
Passa um enterro: é uma creanga. Amargurada
Vae atraz do caixão a mãe. Se houvesse ceu!
Páro um instante a examinar um mausoleu.
Do nevoeiro desce a musselina clara.
A tua idiosyncracia é extranha e rara:
Adoro e admiro, Flor, teus requintados gostos.
Como são autunnaes aqui estes agostos!
Ah! o sol portuguez! Scismando, passo ao pé
Do tumulto onde dorme Alfredo de Musset:
Pende um fresco choroão sobre o sepulchro branco;
Ao piedoso choroão, em pranto verde, arranco
Uma virida folha e ponho-a na botocira.
Diademada com botões de laranjeira

Vejo-te em sonhos, virginal p'lo braço d'outro...
Meu espirito, assim como um indomável pótro,
Galopa na planície infinita do sonho.
Sem Ti o meu viver é frígido e tristionho.
O! azigo onde está Balzac. Humida e fria
A cambraia brumal cerra-se. Hei-de tr um dia
Visitar a Montmarre o amado Baudelaire..
Teu suggestivo olhar, o teu olhar sugere
Bellas viagens por inexploradas terras.
Belleza imperial! Illuminas e aterras!
Treme um cypreste desfolhado, quasi nu.
Se eu te morresse, Amor, que sentirias tu?
Escura-se Paris, ao longe, a respirar.
Aqui repousa Michelet. Vamos ter chuva.
Por entre os mausoleus caminho a imaginar
Como é que ficarás vestida de viva...

Paris, 30 de agosto de 1889.

Seis de setembro, sexta-feira. A minha Amada
 Vae hoje ao *Bosque*. Uma caleche armoriada
 Parou á porta. Tres da tarde. Alegremente,
 A linda Flor original veste-se em frente
 D'un largo espelho, um claro espelho de Veneza.
 A sua sata de boreal setim frambocza,
 Lava tecida, fulgurando em rubros brillos,
 Lembra uma chamma e é borrifada de vidrilhos;
 O seu casaco é de velludo, e de Bruxellas
 As rendas creme, amarelhadas, finas, bellas,
 Dos seus sem par pulisos subttis, illiputianos...
 Abdul Medjid, um pagem turco de dez annos,
 Moreno e com olhos que são duas cyamittas,
 Todo curvado e ajoelhado, aperta as fitas
 Dos seus sapatos ponteados, de verniz.
 Cospem fallhas os seus brincos de rubis;
 O seu bonet é de astrakan castanho-tamara...
 A minha Flor canta e sorri: e toda a camara
 Se alegra ao som d'essa voz fina de calhandra.
 No seio põe um botaõ ruivo de apbellandra,
 No lenço deita o sensual *coiro da Russia*,
 Nos hombros põe a negra capa de pellucias
 Forrada com sedosas marthas zibellinas,
 As mãos esconde em luvas longas e citrinhas.
 E é deliciosa a minha Flor de olhar augusto,
 Com esse olhar fulgindo n'um rutillo jogo,
 Erguendo os braços para pôr no fino busto
 Um fino veu de fina gaze cõr de fogo!

Paris, 6 de setembro de 1889.

X

«Un aître, plus heureux, va unir
«son sort à celui de mon aître. Mais,
«quoiqu'elle trompe ainsi mes plus
«chers espérances, dois-je la moins
«aimer?»
Mackensie.

Tua firmeza augmenta o meu desejo:
Fecho os meus olhos para te esquecer,
E quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Em quanto sinto para mim crescer
Dos teus desdems o frígido cortejo.

Sei que jamais hei-de possuir-te, sei
Que *ouvro*, feliz, ditoso como um rei,
Enlaxará teu virgem corpo em flor.

Meu coração no entanto não se cansa:
Amam metade os que amam com esp'rança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

Paris, 29 de setembro de 1889.

XVI

Ave! triqueira desdenhosa e triste,
Cheia de grãça e de frescor sem par,
 Bemdito seja o berço em que dormiste
 E os peitos que te deram de mamar!

Como uma chamma cerula entre brazas,
 Como uma tulipa entre malmequeres,
 Como uma torre entre pequenas casas,
Bemditã sejas tu entre as mulheres!

Corpo virgem, tu que és o meu orgulho,
 Tu que eu hei de violar um dia entre
 Beijos tão claros como um sol de julho,
Bemdito seja o fructo do teu ventre!

Doce Refugio, doce Inspiradora,
 O meu triqueiro e mystico cyclamen,
 Unge-me com teu negro Olhar, *agora*
E na hora da minha morte. Amen.

Colimbra, março de 1889.



Uma tarde eu pedi-lhe um beijo a medo,
e ella disse-me enftao, allucinada:
«Dou-t'o se amanha de manha cedo,
esta flor estiver ja desfolhada!»
Alias horas, erguendo-me em segredo,
deixei a minha alcova socogada
e fui buscar a flor sob o arvoredo:
chorava junto d'ella a minha amada.
Mas assim que me viu, como um desejo,
disse enxugando os olhos, voluptuosa:
— «Desfolha tu a flor que eu dou-te o beijo»
E unido os nossos labios de repente,
pele escuro da noite silenciosa,
eu desfolhei a flor convulsivamente.

(No jardim)

A FLOR



Francisco Bastos



Aos domingos, na igreja, o teu olhar
melanchólico, humilde e sempre fixo,
nas formas imortaes d'um cruxifixo
eu vejo longamente repoiar;
e tu, meu lirio doce e transparente,
erguendo ao ceu as tuas mãos piedosas,
naes envolvendo o Christo lentamente
nas tuas orações silenciosas.
Porém eu que só vivo de illusões,
quando te vejo assim . . . tenho desejos
de te envolver o corpo nos meus beijos,
como envolveres o Christo em orações.

PROFANAÇÃO



Quando me vires triste e pensativo em meio
dos teus beijos, o olhar perdido pelo espaço
não chores, meu amor, estende o teu regaço
e deixa-me dormir à sombra do teu seio.

Por isso, ao ver-me triste e pensativo, em meio
dos teus beijos o olhar perdido pelo espaço,
não chores, meu amor, estende o teu regaço,
bem vês como era tudo apenas ilusão.

Agora, as tuas mãos mais frias do que a neve,
já não fazem bater meu triste coração...
e o tempo em que te amei nem me parece breve...
bem vês como era tudo apenas ilusão.

Beem sabes, n'outro tempo, as mãos se me pousavas
no seio turbulento—estranho sensualismo—
sentia pelo corpo, ondulações de lavas
e largas vibrações de um doce magnetismo.

Como andam a mentir nos versos os poetas.
e assim no coração o amor não dura tanto
que perdem bem depressa o aroma as violetas...
Fecha n'um colte um ramo e tu verás, no entanto,

pois hoje nem sequer p'ra mim já tem aroma.
C'ê que é uma ilusão, de amor immorredouro
a promessa banal que ao labio nos assoma!
Olha o que eu disse, então, do teu cabelloito...

que me fazia alegre e varonil, deinha...
já teu olhar, p'ra mim, ó minha doce amiga,
não tem a mesma luz suavíssima que tinha.
Vae-me envolvendo o tedio e essa paixão antiga,
já teu olhar, p'ra mim, ó minha doce amiga,

que me fazia alegre e varonil, deinha...
já teu olhar, p'ra mim, ó minha doce amiga,
não tem a mesma luz suavíssima que tinha.
Vae-me envolvendo o tedio e essa paixão antiga,

A...

VERSOS SINCEROS



Quando o sangue circula pressuroso
e anda o meu espirito perdido
por um paiz nevrotico de goso,
tenho um desejo estranho, indefinido...
E quero ter um leito voluptuoso
de flacidos regagos construido,
onde meu corpo elastico e nervoso
possa achar um prazer desconhecido.
Quero lengões phantasticos, mordentes,
feitos de labios humidos e quentes,
que me provoquem languidas vertigens,
sendo as cortinas tranças perfumadas,
e finalmente as normas almodadas
feitas de seios tumidos de virgens...

(A Trindade Coelho)

SENSUALISMO



Vou-me afundando musculo por musculo
num mar de sensações originaes;
e a estranha mortidão d'este crepusculo
faz-me lembrar de cousas tropicaes.
Vejo as matas, os rios e as canoas
e as palmeiras e as redes fluctuantes,
e a divagar em busca dos amantes
mulheres formosissimas e boas.
Ilumina o luar o quadro vario
e ellas vivem e gemem — que loucura!
tendo no olhar, no gesto e na postura
revelações de gozo extraordinario.
Dos seios expansivos como gaz
e das bocas ardentes como lume,
exhala-se em espiraes o perfume
sensual e subtil d'um ananaz.
E o meu olhar passava como um verme
dando deijos phreneticos, impuros,
n'esses corpos genit's enja epidermis
tem o pallor dos peceges maduros.

HARMONIA DO CREPUSCULO

António Nobre

Ingleza

I

Chama-se Ellen. Nasceu na Gran Bretanha, e diz-se
Que Deus copiou o céu d'aquelle olhar de Miss.

II

É casta, é ingenua, é boa e tem dez annos só:
Dez rozas da existencia extincias sobre o pó!

III

E dizem que ella foi, n'uma manhan radiosa,
Gerada pelo sol no ventre de uma roza!

IV

De maneira que são,—como de mais ninguém—,
Os lirios seus irmãos; a roza sua mãe!

V

Tudo lhe fica bem. Invejam-na as estrelas!
Ellen, comtudo, ri: não tem inveja d'ellas.

VI

Os seus franzinos pés cabem na minha mão.
Os seus olhos, meu Deus!... nem sei o que elles são..

VII

A sua mão pequena é cõr de neve e leite,
E vê-se-lhe um sinal na pelle, como enfite...

VIII

Tem um perfil de rôia e uns olhos de rapaz.
A sua bocca exhala a essencia do lilaz:

IX

Por isso, quando beija alguma roza linda,
Com essa essencia rara incensa-a mais ainda!

X

Foi com a tinta azul do seu profundo olhar
Que Deus agurrellou a immensa tãla,—o mar!

Nos labios tem a cõr das purpuras sagradas.
Veste de branco assim como as visões de fadas.

XI

XII

É pobre, muito pobre, ah! nada tem de seu:
Por isso te amo, flôr! por isso te amo eu!

XIII

Tem por unico dote o seu cabello loiro,
Que é do melhor quilate e do mais fino oiro...

XIV

Quando se faz vermelha e fica de outra cõr
Rata na sua face a aurora do pudor!

XV

Encerra no seu corpo, — argilla sacrosanta —
A alma do rouxinol e o coração da planta.

XVI

Ao vel-a ajoelhada em frente de Jezus,
Cheia de paz e amor, cheia de Graça e Luz,

Seixo, 1886.

E digo, como out'ora os pallidos ascetas,
Os braços estendendo á abobada infinita,
Folheando o azul do céu, esse missal dos poetas:
"Bem dita sejas tu entre as mulheres... Bem dita!"

XIX

Fico a rezar, fugindo ás tentações do mal,
Na igreja da Chymera, eu, monge do Ideal...

XVIII

De braços para o céu e tranças pelas costas,
Eu caio ajoelhado e fico de mãos postas!

XVII

Ave-Maria

Ave, Maria das dôres!
 O nuvem do sol, no oeste,
 Latina de Pescadores!
 Palacio de oiro e cypreste!
 Ave, Maria das Dôres!

O Senhor seja contigo,
 Na ventura e na desgraça,
 Na bonança e no perigo...
 Maria, cheia de Graça!
 O Senhor seja contigo.

Bemditas sejas! Bemditas
 Sejas tu entre as mulheres,
 E encontres pae infinito,
 No logar onde estiveres...
 Bemditas sejas! Bemditas!

E bemdito seja o fructo
 Do teu coração, Maria!
 Que seja bello e impolluto
 Esse a quem amei um dia!
 E bemdito seja o fructo...

Ó Sancta-Maria, ó Casta!
Ora por mim, sem remedio,
Pecador que o mundo arrasta,
Pela azinhaga do tedio...
Ó Sancta-Maria, ó Casta!
Deus é bom e tu és boa:
O meu unico peccado
É amar-te, (filha! perdôa!),
É amar-te sem ser amado...
Mas Deus é bom e tu boa.
Ora por mim: Assim seja!
Domus-Aurea! Não te importe
O lugar onde eu esteja:
Agora e na hora da Morte,
Ora por mim. Assim seja!

Leça, 1886.

Chia de Graça

Não sei que sinto n'alma, quando avisto
Teu busto ideal: postas as mãos no seio,
Com o cabelo separado ao meio,
Caido para traz, como o do Christo!

Por mim, sereno, languido esvoaga,
E eu vou atraz de tí, visão de um sonho!
Como é suave o teu perfil rizonho,
E doce a tua voz, cheia de graça...

Na tua face, alvissima camelia,
Brilha um sorriso luminoso e franco,
E vestes sempre, meu amor, de branco,
Como vestiam Julieta e Ophelia...

Tamanha é a luz que te illumina e collora,
E sobre o mundo desses olhos tomba,
Que mal tu surges como um astro, pomba!
Os gallos cantam, annunciando a aurora!

O rouxinol, pelas ceruleas naves,
Mal te ouve os passos e descobre, ao longe,
Inconsolavel, desditoso monge,
Lê nas estrelas, o missal das aves!

Não sei, não sei que sinto, quando avisto
Teu vulto ideal: postas as mãos no seio,
Com o cabelo separado ao meio,
Caido para traz, como o do Christo!

Leça, Agosto de 1884.

Tomber du ciel

Tres da manhan. Não me dettei ainda,
Minha adorada flôr!
Sonhei que via a tua face linda,
No matutino alvôr.

Desmatiam as estrelas, uma a uma,
Na cêrula amplidão,
E a tua face côr da leve espuma
Não me apparece, não!

Contemplo os cravos onde estão escritos
Poemas que nunca li,
Ergo os olhos aos mundos infinitos
Mas não te vejo a ti...

Apagam-se as estrelas, de repente,
O sol desponta, emfim,
E eu pondo os olhos resignadamente
No chão do meu jardim,

Vejo os lírios extáticos, anctosos,
Olhando para o céu,
Parece que tiveram, desditosos!
Um sonho egual ao meu...

Meu ideal, ó Virgem de olhos tristes!
Nunca te vi, não te conheço, não!
Não sei quem és, mas sei que tu existes!
Loiro phantasma! Ophélica visão!

1886.

Além-Sol!

Meu Iuar! meu ceu! meu norte! meu abrigo!
Anjo, como eu, cheio de "splen", profundo:
Ai, quem me dera debandar contigo
Para uma terra extranha do Além-Mundo...

E partir enlaçados como a hera,
Pelo mar dentro dos joviaes espagos,
Sendo o teu corpo uma subtil galera
Com leves remos de marfim, teus bragos...

Havemos de parar há muito acima
D'essas regiões que eu choro só de vê-las,
N'um santo reino de amoroso clima,
Que ha para além do Sol e das estrellas.

E mal chegasse a essa cidade loira,
Para ganhar o pão de cada dia,
Occupar-me hei, meu Anjo, da lavoiira:
Cuido das terras da Virgem Maria...

Que santa paz! O luz dos meus amôres!
N'uma herdade do céu, entre charnuas!
A cavar entre simples lavradôres,
Semearo estrellas e plantando Iuas...

Que santa paz! Depois, à noite, a ceta
Entre filhinhos que Jezus me desse...
E dormir, tendo um astro por candeia,
Até que, ao outro dia, amanhecesse!...

Colimbra, 1888.

Ellen! meu céu! meu norte! meu abrigo!
 Alma gentil, consoladora e grata!
 Ah, quem me dera navegar contigo
 Pelos céus, n'uma gondola de prata...

Ou, então, enlaçados como a hera,
 Boiar no azul dos límpidos espaços,
 Sendo o teu corpo a mystica galera,
 Com leves remos de marfim, — teus braços!

Havia de parar, lá muito acima
 D'essas regiões fantásticas e bellas,
 N'um calmo reino de amoroso clima,
 Que ha para além do céu e das estrellas...

D'esse paz, nas ermas avenidas,
 Construiria a minha Torre de Oiro
 Onde eu pudesse amar-te, as escondidas,
 E eu fosse teu, só teu, meu anjo loiro!

E, unindo as mãos de jaspe ennegrecido,
 As tuas mãos tam brancas e asseeladas,
 A ti ficaria para sempre unido,
 O minha branca Aparição de fadas!

Depois, em uma effervescencia louca,
 Quizera, apenas, miosotis do norte!
 Collando a minha bócca á tua bócca,
 Beber em sonhos o *haschich* da Morte...

Porto, 1886.

Porto, 1884

Os rios têm cantigas de ceifeiras,
Balladas exquistas e formozas...
Há lá no fundo crystallinas eiras,
Onde bailam crianças vaporozas.
De noite pelas horas religiozas,
Os rios têm cantigas de ceifeiras,
E ao verem-nos passar dizem as rozas:
...Agua que vem de terras extrangeiras!
No entanto, como enormes esquelos
Cobrem o rio as arvores, Hamletos
N'uma postura extatica e sidente...
E a lua vae boiando, á tona da agoa,
Gemea do amor, dos seculos, da magoa,
Como Ophelia nas agoas da corrente!

OS RIOS

no

Enterro de Ophelia

Morreu. Vae a dormir, vae a sonhar... Deixai-a!
(Fallae baixinho: agora mesmo se ficou...)
Como padres orando, os choupas formam ala,
Nas margens do ribeiro onde ella se atougou...

~~Toda de branco vae, nesse habito de opala~~

~~Para um convento, logo que o Hamlet lhe indicou,~~

~~Mas para um outro, horrivel que tem por nome Valia,~~

~~Donde jamais saiu quem, lá, uma vez entrou l...~~

O lindo por-do-sol, que era doído por ella,

Que a perseguia sempre, em palacio eha rua,

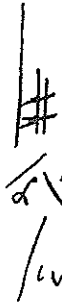
Vede-o, coitada! mal pode suster a vela...

Como damas de honor, nymphas seguem-lhe os rastos,

E, assomando no céu, Nossa Senhora-a-Lua

Por ella vae deslizando as suas contas, Astros!

Leza, 1888.



*Just li. Marmot dau
vur haye*

Handwritten mark

Sta Iria
v.

N'um rio virginal d'agoas claras e mansas,
Pequenino baixel, a santa vae boiando...

Pouco e pouco, dilue-se o piro das suas tranças
E, diluido, v~~e~~-se-las' agora aloitardo.



Circunda-a um resplendor, a luzir esperanças,
Unge-lhe a fronte o luar, aveludado e brando,
E, com a graga etherica e meiga das creanças,
Formosa Iria vae boiando, vae boiando...

ca/

A lua, cantam as aldeas de Ribafloa,
E, ao verem-na passar, phantastica barquinha,
Exclamam todas: «Olha um marmore que aboia!»

Ella entra, emfim, no Oceano... B escuta-se, ao luar,
A m^{te} do pescador, rezando a ladainha
Pelos que andam, Senhor! sobre as agoas do mar...

la/

Legs, 1885.

1923

Iamos sós pela floresta amiga,
Onde em perfumes o luar se avola,
Olhando os céus, modesta repariga!
Como as criangas ao sair da escola.
Em teus olhos dormentes de fadiga,
Meio cerrados como o olhar da rola,
Eu ia lendo essa ballada antiga
D'uns noivos mortos ao cingir da estola...
A Lua-a-Branca, que é tua avozinha,
Cobria com os seus os teus cabellos
E dava-te um aspeto de velhinha!
Que linda eras, o luar que o diga!
E eu compoendo estes versos, tu a jel-os,
E ambos scismando na floresta amiga...

Porno, 1884.

Seixo, 1883

Nasceu a Lua. No convento, agora,
Chove o luar as lagrymas tão frias...
Que luz! Parece que desponta a aurora,
Que trancam pelo céu as colovias!
Branças ossadas, que o luar descora,
Não têm folhas as arvores esguias:
Movem os braços pelos céus, agora,
Como freiras, rezando "Ave-Marias"...
Ah, tu que és pura, religioso e mansa,
E trazes, minha pallida criança!
O livro de "Horas", nessas magras mãos:
Podes rezar, neste silencio amigo,
Que dos loitros rezarão contigo
Os rouxinoes da noite, os meus irmãos!

Bem sei que o nosso amor é uma chymera
Que tudo um dia acabará, emfim;
Que deste amor a celestal galera
Em praia obscura ha-de encailhar por fim.
Bem sei que tudo morre e nada impera,
Bem sei que tudo nesta vida é assim!
Mas, contudo, se um dia tal se dera!
Que fóra então de nós! de ti, de mim?
Talvez que as nossas almas separadas,
Apoz a morte, um dia, se encontrassem,
N'algun paz somnambulo de fadas...
Póde ser, póde ser, que ahí se amassem,
E uma vez, juntas, uma vez ligadas,
Que nunca mais, então, se desligassem!

Leça 1886.

TRÊS CARTAS DE ANTÓNIO NOBRE

A ALBERTO DE OLIVEIRA.

No alto da página dizes: Meu amor. Por um acaso vi, uma linha acima, qualquer coisa que está imperceptível. Que escreverias tu primeiro? Não sei. O que é certo é que está raspada uma frase qualquer, da qual eu distingo unicamente um – Meu.

Quem me dera saber...

António Nobre, *Correspondência com Cândida Ramos*, pp. 78-9

I

Quinta-feira

Estrada da Beira,

28.11.1889.

Coimbra.

Alberto,

Quando, hontem, ao almoço lia a gazeta, esquecendo-me da costellita, para só ver o que a Havas notificava de interessante sobre

Publicado em *Colóquio / Letras*, n.º 127/128, «Memória de António Nobre», Lisboa, Janeiro-Junho de 1993, pp. 173-202.

os Estados Unidos do Brazil, – levantando-me [sic], subito, ao lembrar-me das exéquias do rei Luiz¹. Dobravam a finados as cabras e os cabões² da Torre quadrada da Universidade e só essa berraria de bronzes, foi capaz de me acordar do somno diplomático em que as comunicações do Rio haviam mergulhado a minha cabeça. Mas, presto, mal acordado, imediatamente, larguei a Havas e a costelleira e, posta a capa, parti sem demora para a Real Capella da Universidade, na indeclinavel missão de cumprir bem e sempre os meus deveres de

1.º addido à Legação da Cabula.



¹ D. Luis I, falecido em 19 de Outubro de 1889, viria a ser objecto de solenes

exéquias um pouco por todo o País. No que respeita à Universidade de Coimbra, eis o que estava regulamentado nos *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1653), liv. I, tit. XVI, «Dos enterramentos, e exéquias, que a Universidade manda fazer: falecendo algum Rey, ou Raynha, ou Principe jurado destes Reynos maior de dez annos, a Universidade fazia exéquias solenissimas na real capella, revestindo-se para isso as paredes de panos negros e armando-se uma sumptuosa essa no transepto, tudo com aparato igual ao usado no anniversario de D. João III, que a Universidade fazia em Santa Cruz. Em tempos mais recentes, estes obsequios passaram a prestar-se unicamente ao monarca, protector da Universidade. A missa era celebrada pelo reitor ou pelo cance-lario, e havia duas orações fúnebres: uma à tarde, depois das vésperas, recitadas por um lente de qualquer das Faculdades, embora leigo, numa tribuna armada debaixo do pulpito; outra no pulpito, depois da missa, por um lente de Teologia.

Por morte de el-rei D. Luis, fizeram-se as exéquias a 26 e 27 de Novembro de 1889; nelas orou de tarde, em seguida às vésperas, o Doutor José Frederico Laranjo, lente de Direito, e de manhã, depois da missa, o Doutor Francisco Martins, lente de Teologia. No *Anuário da Universidade 1889-90* podem ler-se as duas orações (pp. V-XIV e XV-XXIV, respectivamente). A informação constante desta nota, bem como a da nota 4, deve-se à gentileza do Dr. Carlos Serra, do Gabinete de Relações Publicas da Reitoria da Universidade de Coimbra.

² Trocadilho estabelecido com base na tradicional designação de um dos sinos da torre da Universidade.

Os mais companheiros do Livro já lá se achavam, há muito e em dois minutos me contaram o enredo do 1.º acto da Comédia Funebre, a que não tinha assistido. Massa-me immenso, meu pequeno Alberto, a realenga lembrança de tudo quanto vi em caça de Jezus, desde o lançado Prelado, enfaxaxado de Gran-Cruzes³, até aquella vermeilinho carteiro que tu sabes, com voz de Libaninho, e que usa fazer de contrario nas Operas e operetas que a Universidade leva a scena⁴. O pobre bomenzinho foi uma victima de todos nós: lá em cima, no Côro, não podia tirar os olhos da partitura, porque se os tirasse encontrava logo mil e um com o sabre, onde rebrilhava, ás lampadas, um monoculo quadrado. E o Porpbirio a cantar? Era o Stagno na Favorita: só tinha

³ Referência ao Reitor, Adriano de Abreu Cardoso Machado, Doutor em Leis,

que exerceu o cargo de 1886 a 1890. Era também Par do Reino. O retrato da galeria da Universidade mostra-o, efectivamente, ostentando diversas condecorações. (Cf. Manuel Augusto Rodrigues, *A Universidade de Coimbra e os Seus Reitores. Para uma História da Instituição*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1990, pp. 261-3 e 499.)

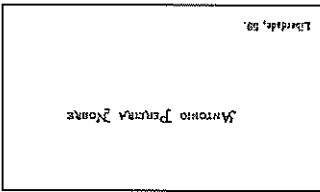
⁴ A identificação desta figura é problemática. O teor profundamente irónico da carta pode fazer admitir a hipótese de a designação «carteiro» ser metafórica. No entanto, este personagem parece acumular um especial sarcasmo, talvez demasado palpável para ser meramente metafórico, até pela identificação com o efeminado Libaninho de *O Crime do Padre Amaro* (1.ª ed. em vol.: 1876).

É talvez de admitir a hipótese, dada a necessidade de um muito específico tipo de voz ser tolerada (num meio fundamentalmente académico), da participação de um distribuidor de correio. Segundo parecer do Dr. Carlos Serra (cf. nota 1), seria talvez elucidativo proceder à indagação do pessoal da Capela, o que não foi viável, por motivos de obras no Arquivo da Universidade. Entretanto, procedendo a uma minuciosa consulta de *O Combricense*, foi-lhe possível detectar duas notícias de celebração de exéquias, na Igreja de Santa Cruz, por iniciativa dos «distribuidores telegrapho-postaes» da cidade (jornal cit., n.ºs 4399 e 4400, de 29/10 e 2/11 de 1889).

Uma simples coincidência?

⁵ Trata-se de Porfirio António da Silva, lente de Teologia Dogmática até 1911, e de História desde então até 1914 [cf. José M. Amado Mendes, «A História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Investigação e Ensino (1911-1926)», in *Universidade(s): História, Memória, Perspectivas. Actas do Congresso «História da*

a mais o capello. E por isso, por me massar escrever-te sobre taes coisas, espero que tu venhas para então, com vagar e colorido fazer a narração da festa a que tveste tanta pena de faltar. Não tenhas pena: houve discursão, o organista parecia rochedo⁵, o Pedro⁷ estava lá, não havia mulheres bonitas. Ah, só uma, a «Coimbra-em-friald»⁸, que, pequenina, toda de negro, parecia Nossa Senhora que tinha descido do altar.



Universidade (No 7.º Centenário da Sua Fundação). 5 a 9 de Março de 1990, vol. 1, Coimbra, 1991, pp. 487-81.

⁶ Provável trocadilho com o apelido de Pedro Penedo; cf. nota 7.

⁷ Referência a «Pedro Penedo», de seu nome verdadeiro Pedro Monteiro Castelo Branco, lente de Direito, professor de Nobre e um dos agentes das suas reprovações (cf. Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de António Nobre*, 3.ª ed., Bertrand, 1979, p. 56, 64, 81 e 110). O poeta satiriza-o magistralmente em «Carta a Manoel», tendo-se tomado, por ironia do destino, o grande responsável pelo perdurar da sua memória. Numa página do Código Civil onde havia bastante espaço em branco, escreveu o poeta esta sequência satírica, aparentemente inacabada, até pela rima do último verso: «O Pedro, ali, na cathedra sentado/ Como o da Rússia, no seu throno immenso/ Em vez do Sceptro e a Coroa, tens ao lado/ Código, caixa de rapé, e lenço./ Tu podes ser a ele comparado/ Em tudo, és grande como elle é, teras scenso/ E, à semelhança, d'esse paiz gelado/ Ca tens os ursos a quem das o pensol/ No entanto, ó Pedro! aviso-te, Cautella!» (Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Espólio António Nobre*, Museus de Autógrafos).

⁸ Não disponho de meios para identificar a mulher assim referida. Pode mesmo tratar-se de uma designação que tenha apenas circulado entre os dois amigos. O tratamento é pouco elogioso, sugerindo desleixo ou licenciosidade; no entanto, se a pessoa em causa, tão adequadamente vestida nesta circunstância, estava presente nas solenes exéquias organizadas pela Universidade, é porque provavelmente, além de bonita, pertencia a uma classe social elevada. Quem sabe se não seria a mulher de um dos odiados lentes ou de alguma autoridade citadina? A sua transformação em figura Mariana é muito característica da poética de António Nobre.

II

Domingo
15.12.1889.
Coimbra.

Procuirei-te, ha bocado, mas disseram-me o que tu, hontem, mesmo me havias dito: – «O mentino foi para Nazareth»⁹. Sim. Estas em Nazareth, na companhia la dos teus dois hospedes, esses «Pazes-de-Coito»¹⁰;

70

Alberto,

⁹ Por muito tempo esta referência me fugiu pelos dedos. Não encontrava, com

efeito, na Toponímia contemporânea portuguesa, uma Nazare que fizesse sentido na carta. Uma cadeia de solidariedade amiga, constituída por Luis Amaro e Joana Varela, levou-me a António Maia Lobo, Chefe de Divisão de Documentação do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Gulbenkian, a quem agradeço (bem como os outros leitores de Nobre) ter extrairido do *Portugal Amigo e Moderno* de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal [Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira, 1873-1890 (12 vol.), vol. VI, p. 17] os seguintes dados: «Nazare, Nazare da Ribeira ou Ribeira de Frades – freguesia, Douro, concelho, comarca, bispado e distrito administrativo de Coimbra, 200 quilómetros ao N. de Lisboa, 160 fogos [...]. É terra muito fértil em todos os gneros agricolas, cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de peixe do rio Mondego, e do mar, que lhe vem do mesmo rio. Distra 6 quilómetros de Coimbra. É decerto este o lugar referido na correspondência, bem como nos vv. 126-7 da «Carta a Manoel» (56, Paris, Vanier, p. 65), que constituem uma enume-ração – agora sem incógnitas – dos arredores desta cidade: «Torres, Condeixa, Santo Antonio de Olivares, Lorvão, Sernache, Nazareth, Tenugal, Cellas».

«O mentino foi para Nazareth» tingem-se, para além da referência real, de uma conotação Crística.

¹⁰ Segundo informação de Guilherme de Castilho em nota a uma outra carta (António Nobre, *Correspondência*, Organização, Introdução e Notas de Guilherme de Castilho, 2.ª ed., ampliada e revista, Lisboa, IN-CM, 1982, p. 505), o topónimo Coito designa Coito de Cucujães, onde Alberto de Oliveira passava parte das suas férias.

andas enchendo-te de verde, com essa fome singular dos olhos, que ba tanto tempo não digerem mais que a letra dos Codigos. Pois eu, Poeta, ia me fui até a assembleia geral, aborrecido, contrariado, porque os meus olhos a ganhar de Azul, não me pediam os gestos largos dos nossos oradores, pediam-me Campo. Assisti à reunião, Assisti à reunião, [sic]

António Nobre: Cem anos de gratidão

Efectivamente, a designação antiga da actual Vila de Cucujães era Couto de Cucujães. Nem o Sr. João Carlos Silva Gonçalves, da Junta de Freguesia, nem o actual Paroco, P.^o Nuno Monteiro, a quem agradeço as informações, têm ideia de ter encontrado o topónimo escrito com *h*; no entanto, em situação oral, é ainda hoje comum, sobretudo entre os mais velhos, ocorrer a forma Coito. A alternância, correnteíssima, dos ditongos *ou* e *oi* pensa-se que tenha começado a acontecer pelo século XVII (embora dela já ocorram exemplos no teatro de Gil Vicente), quando o ditongo *ou*, proveniente do *au* latino, começou a tornar-se monotongo, em certas zonas (cf. Paul Teyssier, *Historia da Lingua Portuguesa*, trad. de Celso Cunha, Lisboa, Sá da Costa, 1982, pp. 52-3).

Nada admira, pois, que um poeta use ou mesmo reinvente as possibilidades que a lingua lhe oferece. Fê-lo Mário de Sá-Carneiro, criando um diferente valor estilístico para *otro/ouro*. António Nobre era a este nível, como a todos os outros, hipersensível. Investia na lingua a atenção de uma temura demorada, numa degustação de todos os aspectos, do semântico ao sonoro e ao visual. Cf. «António Nobre: os Versos Rá-dicais», p. 159.) Parece oportuno lembrar que o seu desinteresse final por Charlotie ele o atribui à forma intolerável como ela pronunciava «manêeiga» (*Correspondência*, cit., p. 103); a irritação que lhe produzia a pronúncia «sociólogo» por um dos seus professores de Coimbra (*ibid.*, p. 60); o estado «incomodadíssimo» em que o põe o «pronunciamento» de Oporto (*ibid.*, p. 139); a novidade deslumbrada e frívola que lhe desperta o lexema «Portugal» escrito: «[...] Portugal, a linda nação onde tu moras, cujo nome, aqui, não sei se por o ouvir citar e escrever, todos os dias, se me figura caligrado e em som, cheio de Ar, tom, alegre, elegante. Olha aquele r: – não te parece, tal qual, o Toy?» (*ibid.*, p. 118).

No que respeita à oscilação *oi/ou*, Nobre faz dela um uso estilisticamente claro nas várias vezes em que refere Eduardo de Sousa como o Soisa, sempre com uma leve ironia; no entanto, no momento em que o julga numa situação grave, designa-o, compungido, por Sousa (*ibid.*, p. 13, 86, 93, 94, 95, 140 e 137, respectivamente). Utilizando a forma *Coito* estava a optar, dentro ainda das possibilidades da lingua, pela forma mais áltre e também a que se prestava ao trocadilho malicioso que explicita noutra carta: «[...] a influência salutar que em teus olhos e espírito ha exercido coito, sem coito [...]» (*ibid.*, p. 72). Paz-de-Coito ou paz-de-Coito aparece em outras cartas

ect, [sic] cujo fim era pedir dois feriados para prolongamento das férias, e nomear comissão que fosse a Lisboa cumprirmentar o rei Carlos pela sua ascensão ao Throno¹¹. Que indignidades! Afinal, convencendo-se d'isto mesmo, n'um momento de altiva reflexão, a D. Academia Ze da Cunha¹², não aprovou nem uma, nem outra coisa. Houve scenas de epatari¹³ Curioso notar nas assembleias geraes, os cumes dos graciosos, a tirando estocadas de ditos, de camarote a camarote, n'uma sedenta furia de renome, que de resto só isso é o que agora e sempre agitou o coração destes nossos contemporaneos, membros da Universidade. Ah, [?] Que academia inferior esta! Que desluzão não tive, o anno passado, ao perceber logo no primeiro dia, que eu era um producto mais civilizado, mais elevado, exotico no meio d'esta banalidade coimbrã. E, assim, perdi todo o entbusiasmo que de minhã terra trouxe, em meu espirito agasalhado de ha muito, desde a bora em [sic] me destinaram a vir para Coimbra. D'ahi, provem o meu affastamento, a minhã

(*ibid.*, p. 86 e 83) designando um estado de espirito absolutamente sereno, podendo ser levado à total ausência de desejo.

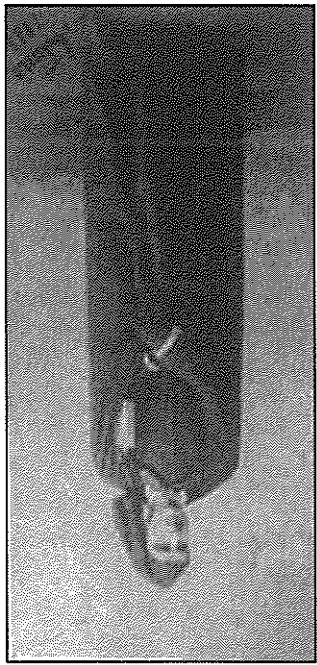
¹¹ Numa breve carta datada de 23-X-89 escreve Nobre a Alberto de Oliveira: «Fui nomeado na Comissão para ir a Lisboa, facto que relembra, ao falar do Conde Sabugosa em carta de 10-XII-1891: «Conheci-o uma vez no Paço de Belém, quando tive a ridicula ideia de ir numa comissão a Lisboa» (*Correspondência*, cit., p. 23 e 165). A ser correcta a datação desta carta, temos que admitir que se fala de duas diferentes Comissões: a primeira, de que fez parte o poeta, já constituída quatro dias depois da morte do rei D. Luis (que faleceu em 19-X-89), provavelmente para apresentar sentimentos em nome da Universidade de Coimbra; a segunda, discutida quase um mês depois, para cumprirmentar D. Carlos pela sua subida ao Trono, pelo que conta a carta, não chegou a ter lugar.

¹² Não pude apurar se esta designação se apoia em algum referente concreto. O que mais prontamente ocorre, numa carta onde a critica à Universidade é tão acutilante e acerada, é fazer de «Ze da Cunha» (no sentido de «pedido») uma designação paralela, por exemplo, à de «Ze Povinho». Mas isto é apenas uma hipótese de leitura que o teor da carta permite.

In: "Tijdschrift van de Vereeniging van
 de Nederlandsche Indische Handel-
 en Fabriekhandelaren in Indië"
 no 10, 1874, pag. 100-101.
 De Nederlandsche Indische Handel-
 en Fabriekhandelaren in Indië
 is een van de oudste en belangrijkste
 handelsvereenigingen in Indië.
 Het is opgericht op 10 October 1817
 te Batavia, toen de Nederlandsche
 Indische Handel- en Fabriekhandelaren
 in Indië, die toen bestond uit
 de Nederlandsche Handelmaatschappij
 en de Nederlandsche Indische
 Handel- en Fabriekhandelaren in
 Indië, besloten om te vereenigen.
 De vereeniging heeft sedert dien
 tijde een groot aantal leden
 gewonnen, en is nu een der
 belangrijkste handelsvereenigingen
 in Indië.

Fransoosche van de Indische
 Handel- en Fabriekhandelaren
 in Indië, die nu een der
 belangrijkste handelsvereenigingen
 in Indië is. Het is opgericht op
 10 October 1817 te Batavia, toen
 de Nederlandsche Indische Handel-
 en Fabriekhandelaren in Indië,
 die toen bestond uit de Nederlandsche
 Handelmaatschappij en de
 Nederlandsche Indische Handel- en
 Fabriekhandelaren in Indië, besloten
 om te vereenigen. De vereeniging
 heeft sedert dien tijde een groot
 aantal leden gewonnen, en is nu
 een der belangrijkste handelsvereenigingen
 in Indië.

Verleend door de Vereeniging



III

Domingo
29.XI.1891.
Paris.

31, boulevard St. Michel

Alberto,

Meu querido Alberto, olha: se tornas a escrever-me mais outra carta como a de ontem, levas uma destas sovas de beijos que te dão de marcar. Não, não se é assim tão imprudente com um doentinho como António. Cautella, mais cautella... Toda a gente a olhar para mim, a meza, emquanto a lia; os ovos a arrefecerem, eu sem comer e, afinal, acho que nem comi, foi-se-me o appetite embora. Sai. Para ir aonde, sabes? A Igreja de St. Germain, no boulevard, orar por ti a Nossa Senhora de Aníbero¹³, por ti accender-lhe uma vela, por tua intenção.

¹³ Ao nível de uma referencialidade imediata, somos naturalmente levados a pensar que se trata de uma igreja muito próxima (o poeta residia então no Boulevard St. Michel), a mesma que ele refere numa anotação do seu pequeno livro de apontamentos (Biblioteca Municipal de Matosinhos, *Espólio António Nobre*, fl. 15-16): «Promessa que fiz, hoje, em St. Germain des Prés: se concluir bem meu curso, se triumphar com meu livro, se cazar com Margareth, – mandar collocar uma lapide de reconhecimento, n'essa igreja, podendo ser lá, e durante um dia, (que poderá ser o da minha partida) quereirei que seja allumado todo o altar a Nossa Senhora. E se o meu Paê viver ainda darei mais, n'esse dia, 100 francos aos pobres de Pariz. 15/11/1891. Antonio» (publicado em António Nobre, *Alicerces seguido de Livro de Apontamentos*, Lettura, Prefácios e Notas de Mário Cláudio, IN-CM, 1983, pp. 135-6). Pouco religioso mas muitíssimo afecto a uma religiosidade íconica e tátil, Nobre prodigaliza-a na complicada rede da sua obra-vida. Naturalmente, Nossa Senhora, com a sua irresistível imagem de Mãe, merece-lhe uma especial preferência. Dela decorrem grandemente a imagem materna de «Memória» e a da noiva em «Purinha». No entanto, o epíteto de santo não se resume a elas (cf. «António Nobre: Os Versos Radicais», p. 159).

F assim fiz. Cheguel. Assentei-me defronte d'ella, n'uma linda cadeira de palhinha; olbet-a durante uma hora toda e, n'algum interuallo de distracção, abrindo o Shelley onde guardara a tua Escripura, lia-te, Alberto, com os olhos orvalhados, beijaava-te. Rezei uma Ave-Maria,

Assumindo, como lhe era habitual, uma espécie de direito legítimo de re fazer o mundo, António Nobre fala nesta carta de «Nossa Senhora de Anthero». Tudo neste contexto leva a excluir a hipótese de tratar-se de Antero de Figueiredo, com quem chegou a corresponder-se, pelo menos mais tarde (cf. *Correspondência*, cit., pp. 403-5); a personalidade referida é decerto Antero de Quental, por quem António Nobre sentia uma admiração cívica inquestionável e uma espécie de adoração poética. Alguns passos da sua correspondência ilustram sem margem para dúvidas esta dupla veneração: «Se houvesse sete Anteros, em Portugal, para formar um gabinete, era o único meio de desafrontar o País» (*ibid.*, p. 88); «Ventura! Onde está ela? [...] li o artigo do Junqueiro, rezei sonetos de Antero e como que a bondade gradual deste Deus me entrou pela alma dentro» (*ibid.*, p. 168). O verbo utilizado, *rezar*, mostra bem a intensidade que o A. punha em certos afectos.

Sirva este exemplo, aliás, para repensar a espalhadíssima ideia de que a cultura livresca de Nobre era muito reduzida, facto que ele próprio ajudou a sustentar. Se, por um lado, é verdade que não era muito extensa, por outro lado a leitura dos seus papéis mostra que compensava, ainda que exprimindo-o displicentemente, essa mo- desta extensão com uma pessoalíssima intensidade no amor dos textos que amava. Assim, sendo facto sabido como lhe foi tardia a leitura – integral, talvez – de Camões, é curioso notar, numa carta a Vasco da Rocha e Castro, o camoniano «Não sei de nojo como o conte» (*ibid.*, p. 141); ou na sua célebre visita ao «Altíssimo» [Eça], o modo como deixa entrever a inéquívoca admiração pela sua obra-prima: «Eu lamentei que Os Matias ainda fossem tão curtos» (*ibid.*, p. 131).

A ideia da «Nossa Senhora de Anthero», verbalizada nesta carta, poderá talvez provir de um dos sonetos «A M. C.», «No Céu, se existe um céu para quem chora», ou sobretudo do soneto «A Virgem Santíssima», «Num sonho todo feito de incerteza», (Antero de Quental, *Sonetos*, ed. organizada por António Sérgio, Lisboa, Sá da Costa, 3.ª ed., 1968, p. 23 e 114-5, respectivamente). Aliás, em *Falavras Loucas* (1894), Alberto de Oliveira diz (no artigo «Carta do Bairro Latino», datado de Paris, 1892): «Por qualquer palpíte que lhe [a António Nobre] saia certo, ou dia seguinte em que antevêja agouro, o verçar, r acender velas e fazer votos solitários a *Saint-Germain-des-Près*, onde ha uma *Virgem Santissima* que *elle supõe ser a inspiradora do grande soneto de Antero*» (sublinhados nossos). Citamos pela 2.ª edição, Porto, Civilização, 1984.

com muita devoção. Levantei-me, comprei por 5 sous uma esguia vela de cera (no talbe, Margareth; Alice, na cõr)¹⁴ e fui pô-la accessa, mesmo diante de Nossa Senhora do Anthero. E commigo murmurava: «da saúde, talento, felicidade ao Alberto!». O Alberto, como tu me fizeste bem! Eu que já andava um bocadinho zangado por não me fallares de Lar, recebo inesperadamente uma d'estas chuvas de leite, que nem na Mancha a do mar-bravo. Ainda me sinto molhado, mas não me mudo que estas chuvas não constipam. Mas sabes d'onde especialmente proveio meu extasi d'hontem? De ti, sô de ti. Não é tanto pelo sonho, pela alma da carta: mas pela graça, pelo encanto, pela frescura, pela ingenuidade que de ti resultam. Has de ser sempre o Purrinho do João Moca¹⁵ e é isso que me encanta. Não, não ha mais ninguém como Alberto. És o primeiro rapaz de Portugal. Convenç-me, hontem, que mora dentro de ti um enorme espirito. Questão de idade, apenas. Aos 30 annos, que livro não farás tu? Pois não será superior ás superiores uma Alma que se deixa voar n'uma tão extraordinaria sede de sonho,

¹⁴ Margareth é a designação que, numa esfera restrita, António Nobre dava a Margarida de Lucena, que durante anos considerou sua namorada e se julga ter sido (pelo menos em parte) a inspiradora de «Purrinha».

Alice, várias vezes referida em cartas, é manifestamente a mulher por quem, na época, se interessava Alberto de Oliveira. Em data anterior tinha Nobre uma vez falado de «Alice» como o perigo que adiante cito: «[...] Alice, Paz de Coto, proibição de receber telegramas, tudo isto acabará por te esterilizar, tornando-te o que penso é sina dos meus amigos» (*Correspondência*, cit., pp. 86-7). Mais tarde, a bordo do *Britannia* rumo a Paris (24.X.1890), o poeta refere-se ao «enredo» Alberto/Alice como coisa afável, embora tendendo para o clichê: «Uma nota curiosa desta manhã: um casal de passarinhos do tamanho de cotovias tem vindo a acompanhar o vapor, em pleno alto-mar, tão longe de terra [...] Pobres Almas de Alice e Alberto!» (*ibid.*, pp. 115-6).

¹⁵ Sapateiro de Leça da Palmeira, proprietário de uma pequena casa onde Alberto de Oliveira e António Nobre tinham veraneado. No soneto «Ao Alberto», analisado em «Antônio Nobre: Os Versos Radicais», cit., a casinha terrea é evocada como a «Thebaida do Sr. João».

n'essa espantosa anciedade, de Lar, de Paz, de Ventura que tu tens e que será preciso Nossa Senhora D. Margarida¹⁶ se esqueça de nós, para que o céu t'as não dê. Impossível moral, como o meu naufrágio em «Droit», ou no Canal da Mancha. Sem tu seres feliz não o serei eu. Ouve. Eu já estou um pouco habituado à Dôr não me surpreenderia tanto a minhã desgraga, mas tu, Anjo, sem calculares o que isso é, com o rosto liso, virgem de pregas e com tal ancia de paraiço na Terra, — oh fóra terrível, terrível, terrível! Morreria contigo. E por isso, absolutamente indispensavel que corramos sempre de mãos ambas: nem eu, nem tu faremos coisa alguma sem meditar no que vamos fazer. Adquirida a Paz, toca e de lá não sair. Tenho um programma de vida em esboço e que te direi quando vieres: é muito longo (embora muito simples) para ir em carta. Da minhã vida, em Vill'Alva,¹⁷ nota. Da que, até então, terei qualquer hora t'á mandarrei. A minhã vida em Vill'Alva, O Alberto! a nossa vida em Tráz-os-Montes (atrás dos montes)!)

¹⁶ Duas Margaridas povoram a obra de Nobre: a primeira, correntemente por ele designada por Margareth, Margarida de Lucena, com quem nesta mesma carta ele dá a entender que casará. Com efeito, Vill'Alva era uma quinta da família de Margarida. A segunda é D. Margarida da Rocha e Castro, mãe do seu amigo Vasco da Rocha e Castro, figura de funda referência maternal nos seus tempos de Coimbra, de cujo declínio físico e morte tomamos conhecimento através da correspondência e da própria obra. É ela a inspiradora da magistral evocação de «Na Estrada da Beira». Em casa dela tinha Nobre conhecido Margarida de Lucena, quando esta tinha apenas treze anos. Numa carta datada de 12-XI-1891, posterior à morte da bondosa senhora, escreve o poeta: «Santa Margarida, lá do céu, olha por mim» (*Correspondência*, cit., p. 156).

Dado o estado de extremada santidade com que o poeta retrata ambas, acontece que «Nossa Senhora D. Margarida» tanto pode referir-se a uma como a outra, respectivamente velando, do céu ou do lar de Tráz-os-Montes, pela felicidade de Anto. Ou estarão ambas fundidas na mesma referência?

¹⁷ Propriedade da família de Margarida de Lucena, onde, nesta carta, Nobre parece ter como projecto viver depois do casamento.

NOTICIA DE UMA CHUVA DE LEITE,

MARÉ VIVA SOBRE TODOS OS DIQUES

(comentário às três cartas anteriores)

É sempre com um certo mal-estar que analisamos ou sequer tocamos o que constitui a esfera de intimidade de alguém, a não ser que a pessoa em causa, numa cumplicidade de qualquer tipo, a isso nos convide. Mesmo o seu silêncio, tantas vezes por simples falecimento, nos recomenda mil cuidados, uma extrema delicadeza, se não queremos ter a dolorosa sensação de violar um território que é animalmente pertença de outrem, onde tantos factos correntes e risco de sair destocados e outros cruelmente expostos, numa praça pública onde proliferam olhares muito diversos, alguns portadores da curiosidade antiga com que festivamente assistiram a incinerações purificadoras. Que importar? O preço, alto, é o que tem a pagar quem decida ir ao fundo mais fundo que a documentação permita. Sem recetar fazer face a qualquer surpresa que a investigação proponha, habituado a conviver com a inevitável emoção que o conhecimento mais-do-que-palpável do testemunho escrito de uma vida que já foi lhe pôe nas mãos, este garimpeteiro trabalhará com longa minúcia e delicadeza para pôr a nu o brilho irresistível de qualquer pepita. Que depois não pode guardar porque não lhe pertence. Nunca pertencerá.

Quando, há anos, comecei a trabalhar no Espólio de António Nobre, encontrei na Biblioteca Pública Municipal do Porto (Museu de Autógrafos), entre outros manuscritos que tenho estudado, um conjunto de três cartas que me deixaram particularmente comovida

e perplexa. Eram três cartas a Alberto de Oliveira, um destinatário que sabia único na correspondência de Nobre. As cartas, gênero em que a revelação da intimidade é figura tantas vezes pregnante, sendo a Alberto de Oliveira, provavelmente, pensel, fariam mergulhar no seu mais fundo abismo. Uma primeira leitura, cheia de hesitações caligráficas, pareceu dar razão a esta hipótese.

Guardei por muito tempo em casa as folhas microfilmadas. Quase as esqueci. Percebo agora que quis esquecê-las pelo que de pouco seguro teria de escrever aquando da sua publicação: que as cartas eram inéditas. Assim o julgo. De facto, desde o momento em que pela primeira vez verifiquei que estas cartas não estavam incluídas nem nos volumes de correspondência do A.¹⁸ nem em qualquer revista que me tivesse passado pelas mãos, nada se modificou. E pois altura de, com as devidas cautelas, pôr nas mãos dos leitores esta pepita que não descobri, apenas encontrei. Se, como julgo, não foi ainda publicada, embora estando disponível numa biblioteca pública, por que estranho privilégio teria acontecido ficar para mim o dever de a revelar? É uma coisa que não sei, mas se prende, talvez, com a especificidade das cartas. Vejamos.

O que sabemos da correspondência de António Nobre com Alberto de Oliveira é o que narra Guilherme de Castilho na sua fundamental

¹⁸ Cf., para além da *Correspondência*, cit., António Nobre, *Cartas e Bilhetes-Pos-tais a Justino de Montalvo*, Organização de Alberto de Serpa, Separata do *Boletim da B.P.M.P.*, n.º 2, s/d.; Aníbal Pinto de Castro, António Nobre, Alberto de Oliveira e o Editor França Amado – Correspondência Inédita*, Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV, 2.ª parte, Coimbra, 1979; António Nobre, *Correspondência com Cândida Ramos*, Leitura, Prefácio e Notas de Mário Cláudio, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Manuscritos Inéditos da B.P.M.P., 1981; António Nobre, *Primeiros Versos e Cartas Inéditas*, Organização de Vale Moulinho, Lisboa, Editorial Notícias, 1982.

biografia do A.¹⁹ e, sobretudo, na «Introdução» à *Correspondência*²⁰. Conta o biógrafo que, tendo visitado o destinatário desta preciosa correspondência, pôde ainda vê-la e avaliar o seu volume global; que Alberto de Oliveira, alegando o carácter particularíssimo das cartas, não lhas tinha facultado para sua investigação, pensando, no entanto, vir a aproveitar algumas numa obra de sua autoria. Uma qualquer coisa (muito plausivelmente a morte) o impediu de levar a cabo esse projecto. As cartas tinham, entretanto, sido emprestadas a Augusto Nobre, o dedicadíssimo irmão do poeta a quem se deve a preservação dos seus papéis, que tinha copiado uma parte significativa delas para o livro *Legã da Palmeira. Recordações e Estudos de há Sessenta Anos*²¹, onde, devido à avançada idade do autor, haveria muitas gralhas e imprecisões. Devolvidas ao destinatário, as cartas tinham sido, depois da sua morte, destruídas, por expressa vontade de Alberto de Oliveira. Para publicá-las da forma mais fidedigna possível, Guilherme de Castilho conta então ter-se socorrido das cópias manuscritas feitas por Augusto Nobre para a elaboração do livro citado.

¹⁹ *Vida e Obra de António Nobre*, 3.^a ed. revista e ampliada, Lisboa, Bertrand, 1980.

²⁰ *Id.*, pp. 9-34.

²¹ Augusto Nobre, *Legã da Palmeira. Recordações e Estudos de há Sessenta Anos*, Porto, 1945.

terem sido destruídas. E instala-se a incredulidade; mais tarde, a dúvida sobre a total veracidade das afirmações de Castilho. Ora a questão, devidamente ponderada (inclusive à luz das outras cartas publicadas), perde este primeiro dramatismo de disjunção exclusiva; e acabamos por perceber que a veracidade das afirmações citadas e a existência destas cartas são duas realidades compatíveis.

Para melhor o entender, examinemos as três cartas reproduzidas em fac-símile e já transcritas. Imprescindível se torna entrar agora naquelas terríveis precisões que não deixarão de marcar muitos leitores. Mas que, falecidos os amigos de Nobre e já também (*belas!*) os amigos dos amigos, são a única coisa que nos resta, se não quisermos virar a cara a esta chuva de mel que, como um afável aguaceiro de Verão, Antó deixou «à esquinha do planeta»²².

Chamar a estas folhas três cartas é uma simplificação, orientada para a componente identificativa e funcional. O que, de facto, temos, é, por ordem cronológica, muito provavelmente: um rascunho de carta incompleto (I), uma carta (II) e uma carta incompleta (III). Perante esta nova classificação, mais rigorosa, deverá pôr-se a dúvida sobre a legitimidade de publicar? Penso absolutamente que não, se o fizermos com toda a transparência (não há nisso, aliás, inovação alguma, uma vez que, felizmente para nós, Guilherme de Castilho inseriu na edição da correspondência rascunhos e cartas incompletas); pelo contrário, é particularmente fecunda para a abordagem do autor do *Sd*. Passemos, de imediato, à análise de cada texto.

²² *Sd*, 1.ª edição, Paris, Léon Vanier, 1892, p. 41.

I

Tudo à primeira vista parece indicar que não se trata de um rascunho, mas de uma carta, sobretudo se olharmos o início: limpo, espaçado, com uma escrita regular, muito legível, e uma única correcção. Mas, à medida que avançamos, logo que passamos para o verso da folha, o aspecto gráfico torna-se diferente. Menos regular, sofreu numerosas correcções estilísticas, claramente posteriores ao primeiro facto de escrita. Os quatro quartos da folha de carta estão, pode dizer-se, completamente cheios, «neurose» que Nobre reconhecia ser muito sua em outros passos da correspondência²³. O claro inacabamento não é apenas dado pela ausência dos signos normais de conclusão – despedida e assinatura – como também pelas duas palavras finais da carta, que o *habitué* do grupo da *Bohemia Nova* prontamente admite que foram interrompidas quando o A. ia escrever «Toy»²⁴. Simples intuição sem importância. O que aqui importa é que a carta foi bruscamente interrompida por um qualquer motivo

²³ *Correspondência*, cit., pp. 80-1: «Não escrevi e gastei, ou antes estraguei duas folhas de papel: uma por hesitar na preferência das minhas duas *adreses* – Beco da Carqueja, 114 Correio; outra porque em meio da escritura, cansei, indo-me atirar cheio de melancolia para cima da cama. [...] está a custar-me, como uma penitência, escrever esta carta, e ainda vou no fim da segunda página, e o bico custa-lhe tanto tomar a tinta! [...] Vem, amanhã! [...] felizmente chegou o fim da última página e só tenho espaço para dar-te as 'Boas-Noites'; p. 94: «... e adeus, não há mais papel. Abraça-te António»; p. 134: «O Alberto para que hei-de ter a neurose de encher sempre uma folha de papel até ao fim? Se não fosse ela teria esta carta terminada na parte final da entrevista Eça [...] E, demais, ainda por causa dessa neurose, vou talvez perder a posta, estou a arreliar-me todo, cansadíssimo, mão gelada que mal sustenta a minha pena – outra neurose que tanto me custa e, contudo continuarei a suportar»; p. 162 e 164: «Vou na terceira folha e ainda não te disse... [...] Já agora continuo nas entrelinhas, para acabar com todos os assuntos em divida. O papel está no fim; só me resta uma ou duas folhas para a carta que encetei para ti [...] e ainda não conclui»

²⁴ Diminutivo corrente de António Homem de Melo, condiscípulo de Coimbra e amigo do poeta. Viria a ser pai de Pedro Homem de Melo.

que é hoje imponderável; e que, ao ser relida, foi muito emendada e não chegou a ser acabada.

Parece-me evidente que isto que vemos nunca foi mandado a Alberto de Oliveira: ou se tornou rascunho de uma carta que, toleravelmente limpa e acabada, depois lhe foi remetida, ou ficou como rascunho de uma carta que nunca chegou a ser. Suponhamos, por exemplo, que, antes de ser passada a limpo, se deu o regresso, imprevisto, de Alberto. Poderíamos estar hoje a ler, em primeira mão, ainda que inacabada, uma carta que o destinatário nunca viu. Especialmente relevante se afigura, portanto, este rascunho: por um lado, mostra até que ponto Nobre investia na escrita, mesmo numa carta informal e irónica; por outro, mostra como a conservava. Nada mais simples do que deitar fora uma folha inutilizada. Nem sequer seria preciso arrancá-la (como aconteceria se Nobre quisesse extrair de outros autógrafos o que facilmente se percebe serem rascunhos de variada índole). Por isso, a conservação deste rascunho tem de ser vista como o acto voluntário que efectivamente é; só a vontade de preservar deixou que durasse até nós qualquer dos exemplos em estudo.

Chegados a este ponto do raciocínio, já nada nos admira que o texto exista na B.P.M.P. Se não foi enviado ao destinatário, não sofreu o holocausto atrás referido, sendo o seu lugar, muito naturalmente, aquele que sempre deve ter sido: entre os papéis do poeta. Uma evidência que me era escura.

Do ponto de vista do conteúdo, lembre-se a característica geral das cartas, a não ser das estritamente utilitárias: o estabelecimento de uma comunicação escrita entre pessoas ligadas por laços afectivos e fisicamente separadas. E se é verdade que os três textos transcritos têm como denominador comum o afastamento físico, a verdade é que o modo como o outro, ausente, é tido em conta, varia gradualmente de documento para documento. E nesta primeira carta, talvez a mais

desprendida, que o ponto de vista do outro é mais tido em conta. A narração faz-se (ou diz-se feita) para compensar a manifestação de Alberto por não ter assistido à cerimónia. Não oculta o sujeito da enunciação o quanto esta narrativa pormenorizada, sendo talvez essa uma das razões que o tenham levado a possivelmente não concluir a carta, no mínimo a ir perdendo a *verve* à medida que encheia toda a folha. Estamos, assim, perante o que Barthes consideraria ainda próximo da *correspondência*, por oposição à carta de amor, de que é exemplo acabado III²⁵.

I é um documento muitíssimo rico, do ponto de vista referencial, no que respeita à Universidade de Coimbra. Disso dão conta as informações contidas nas notas respeitantes a este texto, com algumas lacunas que não foi possível preencher. Mas toda essa referencialidade se torna distanciada por um olhar crítico, deliciosamente irónico, que tudo envolve, inclusive o sujeito autodiegético desta crónica.

E a esse nível é o primeiro parágrafo do texto decerto a mais elucidativa passagem. Repararemos que aqui ocorre uma figura que de novo aparecerá em III: a da alimentação como coisa secundaríssima, que se eclipsa quando um brilhante cometa flama num qualquer céu. Não é, de resto, destino exclusivo dos alimentos, mas de qualquer outra coisa parasita, quando o sujeito vive o império totalitário da paixão. O esquecimento dos alimentos, sinédoque da humilde sobrevivência, é tópico presente em III, justificando o estado paroxístico da carta a sua plena funcionalidade. O que é curiosíssimo é já encontrar aqui essa figura, desencadeada por o que não é, ao fim e ao cabo, mais do que um acontecimento mundano. No conjunto das três cartas, esta passagem funciona como uma espécie de qualificação prévia: o sujeito da enunciação assume, mesmo antes da grande experiência da paixão,

²⁵ Cf. Roland Barthes, *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977, pp. 187-9.

De qualquer modo, este é o único caso em que estamos perante um texto completo. Singulamente coerente, baseia-se na apercibida estado do amigo enchendo-se de verde numa Nazaré ao mesmo tempo referência exacta e figura alusiva. Por sobre este quadro agradável e ironicamente bucolico, que o retratista *in absentia* lamenta, com um leve ciume difuso, não poder partilhar, traça este um novo quadro da Coimbra da época que, utilizando o seu divertido galicismo, só não é de «epatar» porque todos nós temos a experiência de assembleias estudantis e assembleias não estudantis onde, com a devida adequação

As duas hipóteses me parecem possíveis.

menos numerosas que em I, há também aqui várias passagens corretas. Ou será ela também um rascunho? Repare-se que, embora no Porto, no momento da devolução do lote, vindo depois a integrar aqui. Terá ela, por esquecimento de Augusto Nobre, ficado esquecida chida. Voltamos, agora, a interrogar-nos sobre a existência desta carta do A.) que a dupla folha de papel esta de novo completamente preenchidas. Repare-se (facto a ter em conta na totalidade das cartas completa, todas as instâncias epistolares apresentando-se formalmente escrita importa, acrescido do facto de o texto estar aqui aparentemente rosamente considerado uma carta. Mais uma vez, o suporte material da Dos três documentos editados, este é o único que pode ser rigo-

II

depois, o encontramos candidato ao Pégaso.

28-XI-89 este «1.º addido à Legação da Cabula» para, três semanas momentos, passar do irónico ao propriamente cómico. Deixemos em para «gazeta», pondo este vocabulo a rimar com «costellera», visa, por tancia. Algo me diz que a correcção, na segunda linha, de «Provincia» o modo irónico com que ao mesmo tempo o descreve e dele se dis- comportamento extremo do apaixonado. Curiosíssimo é também

histórica, facilmente reconhecemos os «graciosos, atirando estocadas de ditos, de camarote a camarote, n'uma sedenta fúria de renome, que de resto só isso é o que agora e sempre agitou o coração destes nossos contemporâneos».

A carta, que, como I, mostra que Nobre podia ser um displicente mas argüíssimo cronista, termina com uma elegante identificação com o amigo, a quem entrevé «pastando alma nas collinas da Paz».

III

Olhando para o fac-símile de III, facilmente se entende porque lhe charnei carta incompleta. Estamos perante um texto limpo. Talvez até limpo de mais (tem apenas duas pequeníssimas rasuras) para ser produzido ao correr da pena. Foi cuidadosamente escrito e sem precipitações abandonado sem concluir nem o preenchimento da folha, facto inabitual, nem o fechamento lógico do texto (no que II representa um contraste exemplar). Que poderá ter acontecido? Que tipo de situação temos aqui? E, uma última vez, porque se encontra esta carta no Porto? Creio que estamos ainda perante um texto problemático.

Data da de Novembro de 1891, aproximadamente contemporânea da escrita de «Sto. Alberto», o soneto estudado nas pp. 159-216 deste volume, a carta é de uma extraordinária beleza. Nos dois anos decorridos entre as duas primeiras e esta, o relacionamento com Alberto de Oliveira tinha-se estreitado até um ponto que o tornaria absolutamente impar para António Nobre, talvez também para o jovem Alberto. Como consequência oficial das duas reparações consecutivas em Coimbra, Nobre partira em 90 para Paris, instalando-se assim na sua vida a grande figura da separação. Uma separação que, embora sem carácter definitivo, se afigurava intolerável. E então que a correspondência entre ambos vai atingir o seu verdadeiro apogeu, ponto que, a avaliar pelos eloquentíssimos fragmentos que

dele puderam ser publicados, me parece difícil de ultrapassar. Só uma relação muito intensa poderia ter dado origem às significativas páginas inseridas na *Correspondência* por G. de Castilho e à singularíssima fidelidade que fez com que, durante anos, os poetas escrevessem diariamente um ou vários postais, para além de cartas, um ao outro. Ora, se, da parte de Nobre, esta relação foi intensa, ela foi também extremamente tensa. Nem outra coisa era de esperar de quem, nos tempos de Coimbra, já largava sem contemplicações gazeta e costelera e já tinha, no fulgor dos vinte anos, escrito os «Males de Anto».

Hipersensível, vulnerável, lidando agora com uma correspondência que sublimava tudo o que o tolerável dia-a-dia lhe ia pondo no prato e ele deixava arrefecer, o poeta manifesta frequentes e radicais mudanças humorais, às vezes desencadeadas por pormenores que nos parecem insignificantes: uma passagem de um texto de Alberto, a sua assinatura, o papel em que este lhe escreve; narra atrasos no «Diário», insinceridades, mesmo a vontade de acabar com esse ver-

dadeiro modo de vida.

Assim, tendo em conta que em outras ocasiões o poeta hesitara em enviar o que tinha escrito, podemos entender melhor a fragilidade desta escrita banhada por um raro êxtase. Teria António Nobre de facto mandado esta carta incompleta a Alberto de Oliveira? Nesse caso, teria ela, como provavelmente aconteceu com II, ficado esquecida nas mãos do já idoso irmão Augusto, vindo depois para o Espólio da B.P.M.P.? A hipótese de tratar-se de um rascunho, provável para I e II, julgo que, perante o aspecto gráfico do documento, tem de ser radicalmente eliminada; pelo contrário, facilmente acreditaríamos que III é cópia passada a limpo de rascunho anterior. Fica a dúvida, de novo absolutamente viável, de esta carta nunca ter sido enviada e ter ficado cuidadosamente guardada pelo A. nos seus papéis. Reparámos bem: fala-se no início numa carta como a de «hontem», referindo-se este lexema não à data de envio da mesma mas, evidentemente, à data da

sua chegada a Paris. Nobre deixara a resposta (ou a cópia apertefçoada da resposta) para o dia seguinte, havendo a expectativa de que, escrevendo diariamente os amigos, diariamente receberiam correio. Bastaria que o correio do dia seguinte, se calhar chegado depois da frase «(atrás dos montes)»; fosse menos perfeito do que o imediatamente anterior para que Nobre, na sua dolorosa sensibilidade, simplesmente suspendesse esta carta. Ou que, ao copia-la cuidadosamente, tivesse chegado à conclusão de que o seu envio poderia, por excessivo, ser prejudicial à «Psicologia» Anto/Alberto²⁶. É bem possível que os documentos que agora se publicam nunca tenham saído das mãos de Nobre, durante a sua vida.

Esta é uma carta de sentimento. Melhor dizendo, de sentimento trazido-na-lapela. Porque a mistura com algum sadomasoquismo que levemente atravessa o início da carta, é desde logo um século que exaltou o erotismo do coração que prontamente nos salta à cara. Com a sensação de incómodo ou mesmo de obsceno que a sua inactualidade possa provocar. «Tout ce qui est anachronique est obscène [escreve Roland Barthes]. Comme divinité (moderne), l'Histoire est répressive, l'Histoire nous interdit d'être inactuels.» («Renversement historique: ce n'est plus le sexuel qui est indécent, c'est le *sentimental* – censuré au nom de ce qui n'est, au fond, qu'une *autre morale*»)²⁷

Esta é uma carta de paixão. Uma paixão que fragmentaria e esplendidamente se revelava na correspondência já publicada, mas em lugar algum tinha assumido o puro êxtase que aqui exprime através do preenchimento das figuras inerentes ao discurso amoroso. E torna-se claro que sobre a referencialidade deste texto nenhum acto

²⁶ «Psicologia» é um termo que o poeta emprega com frequência para designar a terceiros, às vezes intermedíarios, os meandros dos seus namoros. Cf. *Correspondência*, cit.

²⁷ *Fragments*, cit., p. 210 e 209, respectivamente.

de verificação pode, sequer, formular-se. Não sabermos nunca, nem isso importa, se o poeta foi ou não a uma igreja próxima (onde nunca existiu, à letra, uma «Nossa Senhora do Anthero»), muito menos se se sentou numa cadeira de palhinha; ou se terá deixado arrefecer os ovos. Sabemos, sim, que emprega coerentemente estes signos para criar a expressão perfeita da paixão, onde o nível da sobrevivência é simplesmente erradicado, e os pormenores necessários à concretização dos gestos amorosos acontecem numa concentração solidária. A «linda cadeira de palhinha» produz ao mesmo tempo uma sensação de beleza e a ilusão referencial a que Barthes chamou efeito de real²⁸. E confirmamos que o signo literário, mais ainda do que qualquer outro, é, como lapidariamente lembrou Umberto Eco (e a despeito da indiscutível sinceridade que a situação epistolar supostamente implica), aquilo que serve para mentir²⁹.

A vários níveis, a verdade irrecusável desta carta, objecto histórico muito marcado, é, aliás, apenas viabilizada pela co-presença da

1971, pp. 35-44.

²⁸ «O Efeito de Real» in AAVV, *Literatura e Semiólogia*, Rio de Janeiro, Vozes,

²⁹ *Tratado de Semiótica Geral*, 2.ª ed., Barcelona, Lumen, 1981, p. 31. La

semiótica se ocupa de qualquer coisa que pueda considerarse como substituto significativo de cualquier cosa. Esa cualquier otra cosa no debe necesariamente existir ni debe subsistir de hecho en el momento en que el signo la represente. En ese sentido, la semiótica es, en principio, *la disciplina que estudia todo lo que puede usarse para mentir*. / Si una cosa no puede usarse para mentir, en ese caso tampoco puede usarse para decir la verdad: en realidad, no puede usarse para decir nada. / La definición de 'teoría de la mentira' podría representar un programa satisfactorio para una semiótica general.*

Numa carta posterior, torturada, de 25-XII-1891, há uma referência a um dos factos narrados em III: «Pálido e magrinho como a vela de cera que uma tarde acendi à Nossa Senhora de Antero, dizendo enternecido e a beijar-te em sonhos: 'Dá saúdo, talento, felicidade ao Alberto!'» (*Correspondência*, cit., p. 168). Efectivamente, a passagem nada comprova, podendo ser uma verdade sobre uma verdade ou uma mentira sobre uma mentira.

mentira. Melhor dizendo, de insidiosas ficções que Nobre toda a vida para si caritativamente receu, sendo a última, dilacerante para quem segue *pari passu* o seu itinerário biográfico, a da cura da tuberculose que irremediavelmente o ia destruindo. Escusado será lembrar que essas ficções, sobretudo para alguém de pendor tão narcisista, tinham, digamos, não o contorno exato do desejo mais rigoroso, mas o con-

E o que parecia desejável, mesmo prescrito, a um jovem da burguesia portuense de há cem anos? Um curso universitário de elite, com futuro – aborrecido ou não, o de Direito em Coimbra; uma passagem por Paris; o ingresso na carreira diplomática; uma camaradagem sexual prolongada, com outros rapazes durante a mocidade; a iniciação sexual geralmente com prostitutas; o namoro e noivado com uma menina prendada, conveniente, se possível decorativa; por fim, o casamento, assegurando estabilidade e descendência. Todas estas figuras, Nobre teve o cuidado de as assegurar, antes de mais, para si próprio, fossem quais fossem as voltas, certas ou traçoceiras, que a vida o obrigava a ir fazendo. Com tanta eficácia o fez, sobrepondo-as às potentes armadilhas textuais do *Só*, que quase toda a gente acreditou que o seu grande amor foi Margarida de Lucena, sempre dita a «Purinha».

Esse efeito ilusório não se deve, no entanto, apenas à sua capacidade de persuasão de si próprio e dos outros, marcado que estava por códigos morais tão historicamente datados. Também o olhar dos leitores é necessariamente histórico e, num poeta tão doce e conveniente como era o autor de «Os Sinos» ou «O Sono de João», os leitores foram lendo o que lhes era revelado mas também o que efectivamente queriam ler³⁰.

³⁰ Bipolarizador, suscitando adesões beatíficas tão facilmente como viscerais repúdios, Nobre mereceu a Jorge de Sena, na fundamental entrada «Amor» incluída no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dirigido por João

Que dizer então das variadas meninas a quem António Nobre foi concedendo sucessivamente alguma atenção, e entre as quais ocupa mais longa paciência, a nível de tempo diegético, aquela a quem chamava Margareth? Que elas formam uma sequência de objectos inadequados para um impulso amoroso à procura de um objecto no qual ancorar. Doce cantiga de roda onde a figura do centro, por mais que mude, nunca acerta no par. Leia o leitor, tiradas as cómodas sandálias, as cartas para ou sobre estas simpáticas meninas e verá que o relacionamento com elas foi sempre superficial, passando tantas vezes do agradável ao entediante, que se torna até alívio acabar. E disso

José Cochofel (Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1.º vol., 1977, pp. 217-46), as seguintes afirmações: «Grande parte do extraordinário êxito de António Nobre, e a explicação da repulsa que a gente mais jovem de hoje sente por ele, residem em ele ter sido, como ninguém, a personificação simbólica e simbolista da castração tradicional. Quando uma vez Teixeira de Pascoaes disse, perfidamente, que Nobre era 'a maior poeta portuguesa' não disse uma piada, mas uma verdade extremamente profunda. O infantilismo de Nobre, a sua homossexualidade que se desconhece, o seu desejo de uma mulher que seja a *putinha*, o seu efeminamento de homem *à femmes* sem mulheres, a sua concepção do sexo como uma besta que há que alimentar a certas horas, o seu narcisismo adolescente, são, ao nível do génio e da grande poesia, o mais completo e mais sinistro retrato do solipsismo justiano [...], que se compraz masquisiticamente na ideia da morte, para fugir ao sadismo essencial à agressividade sexual, ou escapar à naturalidade de aceitar o sexo em si mesmo.» Este desassombado, corajoso e saudável juízo que julgo que Sena nunca desdirá (mas ao qual, num outro contexto, daria talvez matizes um pouco diversos), insere-se, aliás, numa implacavelmente lúcida sinérese de onde cito, para melhor enquadramento do excerto, a conclusão: «Mas sucede que, no amor e no sexo, como em tudo, se requer, menos do que tempo, *espáço*, no sentido de dimensão psicossocial da liberdade erótica – e isso é incompatível com as quatro paredes da incestuosa aldeia mental que os portugueses transportam consigo pelo mundo, ou erguem à sua volta no país, e em que a liberdade do sexo (bem maior que a de outros povos) se reduz a uma espécie de convivência clandestina. São as duas faces inevitáveis de uma moral de senhores e de criados, que mutuamente se servem mas não são servidos, e que ficaram criados, quando deixaram de ser senhores.»

um bom exemplo o modo como António Nobre descreve o seu tédio progressivo em relação à inglesa Charlotte: derivado da sua maneira desagradável de dizer «manterêiga»³¹

O namoro de que nos ficou uma documentação mais vasta e até mais canónica em termos de época foi o que o poeta manteve com Cândida Ramos, entre 1885 e 1886. Dele estão publicadas as cartas a Cândida e igualmente as cartas de Cândida³². O que fornece um conjunto de informações preciosas, quer sobre a vida social do Porto, na época, quer sobre o jogo, regratadíssimo, dos namoros de então. Baseavam-se estes em cartas trocadas com a ajuda de criados, em sucessivas e rituais aparições à janela, em trocas de olhares nos concertos e, em certas situações, algumas palavras trocadas no Palácio de Cristal ou, na estação balnear, um pouco mais permissiva, em Leça da Palmeira. Fica-se com a sensação de que António Nobre, muito jovem ainda e namorando uma menina habituada a ser cortejada, jogou relativamente convicto as regras de um jogo em que, nesta partida, os parceiros eram mais ou menos equilibrados.

E é curiosíssimo notar como em certas cartas ensaia já o que, mais tarde, se tornará *pivot* da sua correspondência com Alberto de Oliveira:

Recentemente, Isabel Cardigos ('Os Figos Pretos' de António Nobre, *Colóquio/Letras*, n.º 120, Abril-junho de 1991, pp. 25-40) mostrou como a análise de um dos poemas pouco amados do A., vista com um novo olhar, pode ser reveladora de pistas que extravasam talvez a conclusão que ela própria elabora: «Em 'Os Figos Pretos', Nobre adere ao que nos valores 'fêmeas' é difícil, ao pôr em confronto – num debate sobre figos e figueiras – duas vozes que se polarizam modulando constelações: em torno da voz masculina, dominante, a lei, a ortodoxia, o sagrado, o poder estabelecido, a tradição; e com ela, a surda rigidez, o ódio, o medo, a distância. Em torno da voz feminina, subversiva, a natureza, a heresia, o profano, a marginalidade, a esperança; e com ela, a emoção areia, o amor, a alegria ousada e próxima. Bastaria este poema para nos levar a repensar 'o feminino' em António Nobre num contexto mais vasto e mais profundo.»

³¹ *Correspondência*, cit., p. 103.

o emprego do tempo descrito dia a dia. Estas cartas ditas de amor, onde dizer que se ama (muito), algo monótonas e pouco convincentes. Elas exprimem, por um lado, uma expressão de sentimentalidade datada, onde outros assuntos, uns largos anos antes do vendaval desencadeado por Alvaro de Campos, correm o risco de parecer... rídiculos. Repare-se no que escreve Nobre a propósito de uns pormenores logísticos em que entrou certa vez: «Estranharás, talvez, que eu traga para estas cartas de amor, coisas tão pouco amorosas, tão caseiras, tão rídiculas»³³. Aliás, o que Nobre lucidamente critica nas raparigas da época aplica-se-lhe sem crueldade: «[...] hoje todas [...] as meninas namoram, porque é moda namorar; porque é *chic*.... Não têm amor. Querem, apenas, ser lisonjeadas na sua beleza. Querem *figurar*, como vulgarmente se diz, tendo nos teatros, na missa, nos passeios, um rapaz que lhe (*sic*) faça a corte e lhe (*sic*) diga galanteios. Nunca queiras ser, assim»³⁴. Mas estas cartas revelam-se ainda fundamentalmente porque nelas assoma a vontade de um outro tipo, avassalador, Romântico, de afecto: «Fu quero que me ames muito, extraordinariamente; se não me amares, assim, antes não quero que me ames»³⁵. As lágrimas, reais ou ficcionadas, mas desejadas como figura máxima de todo o sentimento («E chorar? Chorar ainda não, porque tu também não choras por mim; mas se um dia me mandares dizer que choraste, então que remédio tenho eu? Chorar, também, por ti...»³⁶), as lágrimas terão de esperar muito tempo.

Quanto a Margarida, que vai crescendo durante a sua estada em Paris, e relativamente à qual sempre tive a sensação de que alguns

³² António Nobre, *Correspondência com Cândida Ramos*, cit.

³³ *Ibid.*, p. 75.

³⁴ *Ibid.*, p. 60.

³⁵ *Ibid.*

³⁶ *Ibid.*, p. 54.

obstáculos entrevistos eram ficcionalmente aumentados, no sentido de inconscientemente acicarar o desejo, fica-se simplesmente pasmado ao encontrar em 13-VII-1893, entre uma série de páginas mais ou menos mornas, a passagem «Gostas de ler livros? Estimava levar-te alguns para leres, mas não sei quais são os que preferes»³⁷. Melhor dizendo, fica-se pasmado se não tivermos em conta a (preciosíssima a este nível) correspondência com Cândida Ramos. Porque a esta luz torna-se, a meu ver, evidente que o lugar, tanto tempo vago, da paixã, está preenchido por aquele para quem, agora, o poeta escreve um persistente, caprichoso e dedicadíssimo diário epistolar. Que tempo e que papel, nesta mare de afecto exclusivista, sobram para qualquer outra pessoa? Muito pouco, evidentemente. E Margarida (sem qualquer menosprezo pela cédula e gentil menina que decerto foi), deixada adolescente na Estrada da Beira, servia idealmente para sustentar a imagem prescrita, ao lado da qual passava, sobre todos os diques da conveniência, a torrente fortíssima da paixã. Enquanto esta durou, nunca Nobre teve sequer de cumprir os obrigatórios rituais de olhares à janela ou de encontros com a criada de confiança que levaria uma carta, uma folha de hera, um malmequer. Purinha? Uma doce figuração de branca espuma que o poeta viu e mostrou na sua imagem, ao espelho. Que só no Verão de 1893, após a ruptura com Alberto, lhe mereceria a dedicacão quotidiana de um namoro de prata.

Repare-se que apenas três dias antes de lhe perguntar se gostava de ler, isto é, mais de um ano decorrido da edição do *Sô*, lhe prometera o poeta o envio de um exemplar do livro³⁸. Mais um ou dois exemplos,

³⁷ *Correspondência*, cit., pp. 182-3.

³⁸ *Ibid.*, cit., p. 181. A Biblioteca Pública Municipal do Porto possui um exemplar do *Sô*, com dedicatória autógrafo a Margarida, que foi muito recentemente publicado em edição fac-similada (António Nobre, *Sô*, *Edição Comemorativa do Centário da 1.ª Edição chez Leon Vanier*, Paris, 1892, Paris, Missão Permanente de Portugal junto

entre os muitíssimos que saltam à vista. Em carta de 12-XI-1891, Margarida: «Mas disse eu ao acabar de ler a tua carta: 'Amo-a eu?' Não sabia responder: sim ou não. Dois anos são idos. Entretanto, se agora me viesses tirar a ilusão do meu Lar-com-Margareth, sofria imenso. Certamente que não sinto por Margareth uma tortura de coração que me tome os sentidos e os pensamentos de 24 horas: um calmo amor nasce, muito brando, muito doce, – e só de longe em longe se me faz horrível e anseio de a ver, tão alta e crescidinha, contas tu»³⁹.

Só no Verão de 93, como vimos, o convívio com Margarida vai ter a regularidade possível de uma época de banhos na Figureira. Na mesma carta, atrás citada, em que lhe perguntava se gostava de ler, Nobre traçava os calmos planos de um namorado irreprensível: «É preciso que na Figureira nós consigamos falar todos os dias, isso na prata é muito natural e simples, – e espero bem que tu o consigas. Só depois disso é que nos compreendemos melhor. E quando se tem dezasseis anos quem sabe se isso não abortece? Mas não é verdade que tu és uma mulherzinha? Na Figureira faremos por conversar todos os dias que isso na prata é mais simples e nada reparado: pena é que eu não tenha lá senhoras minhas conhecidas que o sejam tuas também que nesse caso nada mais fácil. Se a Senhora D. Conceição fosse

da UNESCO, 1992; textos preliminares de José Augusto Seabra, José Santos Teixeira e Luís Cabral). Neste exemplar, corrigido em vista da 2.ª edição, alguém (talvez o próprio A.) tentou apagar a dedicatória. Pessoalmente, estou convencida de que o exemplar em causa nunca foi o da «Purinha», se é que ela chegou a ter algum. O que é inquestionável é que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui o exemplar oferecido pelo poeta à mãe de Margarida, D. Florinda de Lucena, alguns dias depois da sua impressão. (Devo a consulta do referido volume a uma indicação do Professor Aníbal Pinto de Castro.) Faço uma análise detalhada deste assunto em «Les intimes contraires», pp. 115-157.

³⁹ *Correspondência*, cit., p. 157.

para lá este ano!⁴⁰. Demasiado irrepreensível, assimétrico (Margarida merece o afável tratamento que um adulto concede a uma criança) e alimentando-se da ilusão de uma «Purinha» em construção, junto de quem se espera que a influência de D. Conceição Ramires venha dar o acabamento primoroso, como o poeta escreve a Adolfo Ramires, nesse mesmo Agosto: «Aconselhas-me na tua carta que não gaste o meu amor com Margareth, queres dizer, que conserve algum para o futuro. Escusada a tua recomendação, que eu não sou de paixões, de entusiasmos, – e prefiro antes uma serena afeição muito doce e sossegada. Margareth precisa ainda de bastante Nossa Senhora da Conceição⁴¹; e espero que a convivência que ela aí vai ter na Quinta Regional, acabará por fazer de Margarida uma Purinha. Tu dizias bem: aquela Família é toda de Santos, Pai, Mãe, Irmãos. Até é uma pena que andem cá por fora, que o seu lugar é na capela de Vilaíva, para a gente lhes acender velinhas e os adorar.»⁴²

Impossível não concordar. O lugar de Margareth é o de quem santamente, maternamente, tomará conta da capela ou de toda a casa. E eis-nos, de novo, em III. E com o pacífico apoio dessa ficção paralela, prescrita ou análoga da prescrita, que brota progressivamente o discurso da paixão. Uma paixão que Nobre, suponho, nunca por amor-próprio admitiu como tal, mas que sofreu na plenitude das suas fases necessárias: surgimento, auge, dolorosa ruptura. Uma paixão para a qual não funciona a explicação simplista de uma qualquer dicotomia biológica; porque acontece num vazio onde igual relação com uma mulher seria matematicamente impossível⁴³.

⁴⁰ *Ibid.*, cit., p. 183.

⁴¹ Trocadilho com o nome (e pressuposta santidade) de D. Conceição Ramires, mulher do destinatário da carta.

⁴² *Correspondência*, cit., p. 193.

⁴³ Cf. Michelle Perrot *et alii*, *História da Vida Privada*, vol. 4, *Da Revolução à Grande Guerra*, Porto, Afrontamento, 1990.

Não há, aliás, em Nobre, laivos de misoginia. Uma misoginia polimórfica que assoma, mais ou menos discreta, num simples corte diacrónico que vá, por exemplo, da geração de 70 a *Orpheu*⁴⁴. Pelo contrário, no tempo de Coimbra, chega o poeta a desejar ver Porcina vestida de estudante a seu lado nas aulas⁴⁵.

Aceitando aparentemente sem atriros as regras da época, António Nobre viveu o tradicional convívio monossesual entre homens, que abrangia desde a mais aturada troca de opinião, do ponto de vista intelectual, à impensada ou comprazida partilha da única nudez consentida⁴⁶. Nada admira que, de entre os que se seleccionara para amigos, tendo aparecido um adolescente excepcionalmente precoce, paciente e disponível para ouvir-lo, admirá-lo, segui-lo, poeta *quantum*

⁴⁴ Cf. a título meramente exemplificativo e em formas mais ou menos discretas, Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, Porto, Lello & Irmão, s/d; *Antologia do Futurismo Italiano – Manifestos e Poemas*, Organização, Tradução e Notas de José Mendes Ferreira, Lisboa, Vega, 1979; Fernando Pessoa, «António Boto e o Ideal Estético em Portugal», *Páginas de Doutrina Estética*, Selecção, Prefácio e Notas de Jorge de Sena, Lisboa, Inquérito, 1946, pp. 59-79; Almada Negreiros, «Histoire du Portugal par occur», *Obras Completas*, vol. 4, *Poesia*, Lisboa, Estampa, 1971, pp. 101-5.

⁴⁵ *Correspondência*, cit., p. 58: «Não sei se ela tem saudades de mim; eu confesso-te que tenho muitas dela e o meu maior desejo fora que ela vestisse umas calças, uma batina, uma capa, pusesse na cabeça um gorro, e de livros debaixo do braço se assentasse a meu lado nas aulas da Universidade». Em «António Nobre: a Rainha e a Torre», o corajoso prefácio que escreve para a edição de *Correspondência com Cândida Ramos*, cit., Mário Cláudio, na p. 35, inclui esta passagem nos exemplos que dá de «transvestimento». Pessoalmente, inclino-me mais para ver aqui, relativamente à mulher que lhe ocupa, a atenção, a época, na época, uma vontade de companheirismo que os hábitos da sociedade contemporânea absolutamente inviabilizavam, só o permitindo entre homens.

⁴⁶ Cf., por exemplo, a evocação dos banhos em peio, nos domínios dos Montalvões, junto do rio Leça, feita por Raul Brandão, *Vale de Josafat*, 3.º vol. de *Memórias*, Lisboa, Seara Nova, 1933, pp. 153-61.

satis para lhe fazer companhia, inteligente bastante para lhe merecer uma troca de pontos de vista ou mesmo uma discussão, suficientemente franco para exprimir a sua opinião⁴⁷, esse ser viesse a ocupar um lugar que tinha todas as probabilidades de continuar vago.

Porque é absolutamente evidente que a certas personalidades é necessário um entendimento muito profundo, uma evidente partilha da experiência estética. Isso (que implicaria a efectiva e raríssima possibilidade de um convívio com mulheres) nos dá a entender, na dolorosa contensão discursiva que lhe é habitual, um poeta da mesma geração de Nobre, Camilo Pessanha. Da leitura do volume de trinta e três cartas organizado, há menos de dez anos, por Maria José de Lancastre⁴⁸, confirma-se que Ana de Castro Osório, a quem pede, anos mais tarde, de Macau, o prazer de ver chegar (apenas!) o endereço escrito pela sua mão⁴⁹, foi decerto o grande amor não correspondido, silenciado, do poeta. Da rara felicidade desse encontro, digamos que logicamente irrepetível, dá Pessanha conta, com desarmante simplicidade, a Alberto Osório de Castro, irmão de D. Ana, seu amigo íntimo: «E, se, de tantos homens que por ahí conheço, só em quatro

⁴⁷ Apesar de não se ter tornado um grande poeta, Alberto de Oliveira, menino-prodígio que entrou para a Universidade com 14 anos, tendo ficado licenciado com 19, escreveu e publicou muito poemas com certa qualidade literária (*Poesias*, Coimbra, António F. Viegas Editor, 1891). Que, em relação à poesia de Nobre, não havia puro deslumbramento mas efectiva troca de opinião, mostra-o não só o facto de este, por exemplo, lhe ter enviado, com grande sigilo, o grupo dos primeiros poemas do 5^o (cf. «António Nobre: Os Versos Radicais», mas a passagem, que cito, do pequeno livro de apontamentos (Biblioteca Municipal de Matosinhos, *Esplôio António Nobre*, fl. 38v-39): «Pedir ao Alberto o trecho da poesia 'António' (primitivo) que lhe enviei do 31 bou!Mich e de que elle não gostou.»

⁴⁸ Camilo Pessanha, *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*, Recolha, Transcrição, Introdução e Notas de Maria José de Lancastre, Lisboa, IN-CM, 1984.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 78 e 83.

encontrei afinidades bastantes para poder viver com elles, que mulher, das poucas que eu poderia conhecer, teria commigo as mesmas affinidades?⁵⁰ Irrepresentavel lucidez.

Quanto a Eça, um pouco misógino atrás de Fradique, na narração de *O Primo Basilio* e na luxuriante correspondência com os amigos, especialmente com Ramalho Ortigão⁵¹, escreve em 1885 ao Conde de Resende, a propósito do seu rápido e algo inesperado noivado com D. Emilia, sua irmã: «[...] eu mesmo lhe faria saber se estes espantosos costumes que nós conservamos do sr. D João V permitissem que um homem e uma rapariga comunicassem directamente sobre coisas que mais podem interessar a sua vida interior»⁵². A noiva, a quem ainda se dirige por «Minha Senhora», explicita a questão nestes termos: «Faltou pois nas nossas relações esse lento desenvolvimento e transformação que faz com que se passe insensivelmente das formas da simples simpatia às formas mais carinhosas da perfeita uniao de corações»⁵³. Seguindo esse noivado epistolar – Eça permanecia, então, em Inglaterra –, descobrimos o esforço com que a correspondência se torna diária e vai adquirindo progressivo à-vontade na verbalização do amor. É é curiosíssimo ver Eça, homem e escritor experimentado, em dificuldade com os finais das cartas (onde em geral o affecto é especialmente explicitado) e recorrendo aí, muitas vezes, ao francês e ao inglês.

Para estes homens, que exigiam do mundo uma experiencia global, absoluta, a quem a sociedade attribuia em geral um contacto codificado e insatisfatorio com as mulheres, a amizade exaltada representava

⁵⁰ *Ibid.*, p. 49.

⁵¹ Eça de Queirós, *Correspondência*, Leitura, Coordenação, Prefácio e Notas de Guilherme de Castilho, 1.º vol., Lisboa, IN-CM, 1983.

⁵² *Ibid.*, p. 274.

⁵³ *Ibid.*, p. 286.

a grande partilha estética possível. (Não é decerto por acaso que a excepcional George Sand, escritora, infringindo galhardamente as regras sociais da época, atravessa tão fortemente a vida de vários intelectuais do Romantismo, em França.) Mas os contornos da amizade são fluidos; começará a haver momentos em que a partilha do mundo implique a pele; ou, sem dela ter consciência exata, a falar a linguagem da paixão. E a movente fronteira atravessa-se num curto passo. Passo que não foi dado por Eça nem talvez mesmo por Sá-Carneiro, ambos vivendo, como António Nobre, o atastamento que acomete ao correio o papel da jogada decisiva da qual depende o mundo. Que o passo era curtíssimo, assumiu-o precisamente o muito jovem Sá-Carneiro em *Amizade*⁵⁴. Ora o que parece evidente é que, em certas circunstâncias, essa transição de sentimentos-limite não ocorre apenas entre homem e mulher mas igualmente entre pessoas do mesmo sexo. Do que, aliás, a obra narrativa do mesmo Sá-Carneiro não é isenta.

O que aqui está em causa não é, por isso, redutível à fundamental dualidade de sexos dos seres humanos. É muito mais simples e mais fundo do que isso, na medida em que o amor é, antes de mais, desejo do amor. Num certo momento alguém fala a linguagem que o outro quer ouvir. E ocorre-nos o primeiro dos *Trois Contes* de Flaubert, a pequena obra-prima intitulada *Un Cœur Simple*, que narra a vida de uma pobre e bondosa criada, de cujos afectos o autor faz o resumo seguinte: «Elle aime successivement un homme, les enfants de sa maîtresse, un neveu, un vieillard qu'elle soigne, puis son perroquet; quand le perroquet est mort, elle le fait empaller et, en mourant à son

⁵⁴ Tomás Cabreira Junior – Mário de Sá-Carneiro, *Amizade*. Peça original em três actos, in François Castex, *Mário de Sá Carneiro e a Genese da «Amizade»*, Coimbra, Almedina, 1971.

tour, elle confond le perroquet avec le Saint-Esprit⁵⁵. Assim o papagaio Loulou, mais irrisório ainda do que em vida porque embalsamado, faz com que a pobre e velha personagem que mais nada tem atravessa a morte no mais suave êxtase.

Noutro cenário, desprovida de qualquer passado ou presente que não seja uma pequena língua de areia numa ilha deserta, a absoluta solidão de um homem sem tempo é quebrada pelo imprevisível aparecimento de um meigo e estranho animal. Uma separação intolável acaba por levar o homem (ou melhor, ambos) à morte. Qualquer leitor reconhece aqui a breve diégese desse outro texto espantoso que é a «História do Peixe-Pato» de Jorge de Sena⁵⁶.

Esta é uma carta de sentimento. Que fazia falta na epistolografia portuguesa. Uma epistolografia por mais do que uma voz tida como pobre⁵⁷ e onde, paradoxalmente, num povo que se considerava sentimental, tantas vezes se revela uma forma de exprimir o sentimento cheia de censuras ou de exteriorizações hipervioladas, infantis, algo canhestras⁵⁸.

Esta é uma carta de paixão. Sem o mínimo tributo à epistolografia



⁵⁵ Gustave Flaubert, *Correspondance*, vol. VII, p. 307 e 320 (cit. Edouard Maynial, «Introduction» a *Trois Contes*, Editions Garnier Frères, 1969, p. VIII).

⁵⁶ *Antigas e Novas Andanças do Demónio*, Lisboa, Edições 70, 1978.

⁵⁷ Cf. Adolfo Casais Monteiro, «Introdução» a *Cantas Inéditas de António Nobre*, Coimbra, Presença, 1934, p. XVII.

⁵⁸ O exemplo que mais prontamente ocorre é o de *Cantas de Amor de Fernando*

Pessoa, Organização, Postácio e Notas de David Mourão-Ferreira, Lisboa, Ática, 1978. Ver ainda algumas passagens de Mário de Sá-Carneiro, *Cantas a Maria e Outra Correspondência Inédita*, Leitura, Fixação e Notas de François Castex e Marina Tavares Dias, Lisboa, Quimera, 1992.

de circunstância⁵⁹ a que, numa outra era de comunicações, como justamente salienta André Crabê Rocha, os escritores pagaram inevitável quota. Como tantas vezes Nobre fez. Texto puramente inútil, abragado às ficções infantis que epidérmicamente o suportam, sobre elas traça, num quadro de sublimação da posse onde figuras de circulação universal (o beijo, as lágrimas, morrer de amor) se conjugam com outras de cunho especificamente nobriano (chuva de leite), o risco raro, utópico, da abolição do tempo, sabor íntimo da experiência contemplativa.

Este é um texto de paixão. Ingenuno e fragmentário, galga todos os diques que para si o A. traçou e nós mesmos lhe fomos traçando. Na sua devastadora fixação erótica, contrapõe-se ao «spratamento de sensibilidade»⁶⁰ afixado em cada página do *Só*, cuja outra face tantas vezes nos soa a falência. Este é um texto de paixão: fazia falta na obra do poeta. Na sua estética veemente, iluminante, absoluta, toca o *Amor de Perdida* que todos cremos, compensa-nos da poesia romântica, do *Werther* que não tivemos. Fazia falta na literatura portuguesa.

Este é um texto de paixão. De uma inequívoca paixão escrita, irreductível, criando a perfeição onde podia ter havido pregas, grossas costuras, quotidiano. Como um poema (inacabado), espelha, depois de todas as rasuras, única, sem cedências, a perfeição da escrita. Este é um texto feliz.

E agora? O agora é conosco. O texto (que, acredito, o autor nos deixou), mesmo fazendo falta, esperou cem anos para ser publicado. Será talvez altura de secar as lágrimas de júbilo e convocar a face irónica de António Nobre, arcamjo, nosso irmão⁶¹.

⁵⁹ André Crabê Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, 2.ª edição, Lisboa, IN-CM, 1985, p. 24.

⁶⁰ Adolfo Casais Monteiro, «Introdução», cit., p. XXIII.

⁶¹ Cf. «António Nobre: Os Versos Radicais», cit.

LE CONTREPOINT D'UN NOM

QUI S'ACHEVE EN POEME

Qu'on ne choisit pas, en général, son nom, est une évidence. Mais il est des êtres d'exception qu'un simple nom, reçu lors du baptême, paraît vouer à une certaine destinée. Je ne peux m'empêcher de le redire quand je me propose d'esquisser un rapide profil de l'un des grands «phares» de l'âge du Symbolisme portugais, de l'une des personnalités marquantes de la «Génération de 90», António Nobre. Plus on connaît sa vie et son œuvre, plus on s'aperçoit qu'il s'agit d'un binôme à frontières très complexes et mouvantes où chacun des termes tâche à tout prix de ressembler à l'autre. Approchons-les un peu.

Né à Porto en 1867¹, au sein d'une famille bourgeoise, António Pereira Nobre allait porter jusqu'aux débuts de sa vie universitaire un nom apparemment innocent. Il a passé une enfance et une adolescence

¹ Publicado na revista *Sources*, Cahier n° 10 – Poésie des Régions d'Europe. Portugal. Aux Sources de la Modernité Poétique au Portugal, Etudes critiques et Anthologie, Namur, 1992, pp. 47-52.
¹ Voir Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de António Nobre*, 3.^e ed. revista e ampliada, Lisboa, Bertrand, 1980.

assez heureuses à Porto, se souciant relativement peu de ses études, accumulant de très riches réserves d'expérience pendant de longues périodes de vacances passées à la campagne ou au bord de la mer et commençant tôt à écrire des poèmes (le plus ancien des manuscrits parvenus jusqu'à nous étant, si je ne me trompe, un petit cahier de jeunesse daté de 1884).

Dès son entrée, comme étudiant en Droit, à la vénérable Université de Coimbra, en 1888, le jeune homme n'hésite pas à remodeler son nom : il demande au Recteur la permission de le raccourcir en supprimant *Pereira*, nom qui pour lui ne présente aucun intérêt. Il devait, bien sûr, garder un prénom : António², le plus commun des prénoms portugais, s'accordait à merveille au nom Nobre qui, dans une certaine mesure, l'ennoblissait³. Par la suite, la vie et l'œuvre du jeune poète témoignent plus nettement de cette réalité paradoxale d'être comme tout le monde, c'est-à-dire commun, voire pauvre, et de se voir refléchi en des miroirs de prince aux tours perdues-rêvées, même si elles sont fragiles et personnelles : *de lait*⁴. Assumer ce paradoxe, en ce qui concerne la vie, ne lui a pas du tout été facile. Ayant échoué deux fois à Coimbra, il a fini par faire sa licence en Droit à la Sorbonne : après quoi, reçu à l'examen d'admission à la carrière consulaire, il est tombé gravement malade. Les années suivantes de sa vie, jusqu'à sa mort à 33 ans, il allait les passer en séjours successifs dans des sanatoriums en Suisse ou au bord de la mer, en quête d'une santé qu'il ne retrouverait jamais. Original, charmeur, dandy, narcissique, il a dû

² António correspond au prénom français Antoine.

³ *Nobre* veut dire, littéralement, « noble ».

⁴ « Menino e moço, tive uma Torre de leite, / Torre sem par » (« Enfant et adoléscent, j'ai en une Tour de lait, / Tour sans pareille »), « Luzitania no Bairro Latino », 50, 2.^e ed., p. 25.

affronter d'innombrables problèmes économiques. Dans une situation exemplaire, ne voulant pas «salir» son nom au moment de signer chez un certain M. Nicolle, prêteur sur gages à Paris, il a signé d'un nom qui correspondait par paronomase à son dénomement : António Pobre – *pobre* signifiant «pauvre» en portugais.

Mais pourquoi s'attarder à un parcours biographique intéressant, sans doute, mais au fond assez typique de l'atmosphère fin-de-siècle ? Parce qu'il est étonnant ? Bien sûr, la lecture de la correspondance⁵ du poète est, je le crois, extrêmement poignante. En même temps, l'œuvre, où la vérité et la fiction biographique constamment s'entremêlent, oblige à posséder cette connaissance si on ne veut pas tomber dans le piège d'une lecture trop naïve, très longtemps, hélas, menée par la critique. Ayant laissé deux livres en projet, le premier accueillant en gros ses productions de jeunesse, *Primeiros Versos (premiers vers)*⁶, le second, clairement fragmentaire et inachevé, étant le résultat des dernières années de sa vie, *Despedidas (Adieux)*⁷, tous deux publiés à titre posthume, Nobre a deux fois accompli le «miracle»⁸ de *Só (Seul)*⁹. Ce recueil est son œuvre centrale, achevée, obsessionnellement copiée de brouillon en brouillon, puis en copie plus ou moins nette, puis en épreuves typographiques corrigées avec une minutie presque maniaque, enfin, très modifiée de la première à la deuxième édition.

⁵ La plupart des lettres de Nobre sont publiées dans le volume *Correspondência*, Org., Introd. e Notas de Guilherme de Castilho, 2.^e ed. ampliada e revista, Lisboa, IN-CM, 1982.

⁶ 1.^e ed., Porto, 1921 ; 2.^e ed., Porto, 1937.

⁷ 1.^e ed., Porto, 1902 ; 2.^e ed., Porto, 1932.

⁸ Le mot «miracle» est deux fois employé par Vitorino Nemesio, «O *Só* de António Nobre», *Despedidas*, 4.^e ed., Porto, 1945, pp. 179-183 ; Eduardo Lourenço parle aussi de «miracle» dans «Considerações finais» de *Sentido e Forma da Poesia Neo-realista*, 2.^e ed., Lisboa, Dom Quixote, 1983, pp. 203-212.

⁹ 1.^e ed., Paris, Léon Vanier, 1892 ; 2.^e ed., Lisboa, Guillard, Allaud e Ca, 1898.

Congue comme un tout, elle est une sorte d'autobiographie extrêmement narcissique et exacerbée, mais en même temps très ironique. En fait, si elle peut à l'aise commencer par le poème *Memoria* (*Memoire*), où l'on fait, par analogie¹⁰, l'histoire de António à partir du mariage de ses parents, tout en se poursuivant à mesure que la vie de «Anto» (petit nom que lui avait donné une fillette anglaise et qu'il avait adopté) se déroule, c'est un sourire malicieux qu'elle conseille à la fin : ce n'est que par une exquise prolepse¹⁰ narrative, où la fiction biographique dépasse nettement la réalité de celui qui écrit, que nous trouvons, dans le poème final, *Males de Anto* (*Maux de Anto*), la mort et les funérailles de cet attendrissant héros autodidégétique. Inutile, donc, d'établir des équivalences biographiques totales. Ce que la lecture attentive de Nobre (surtout après la connaissance de la fameuse question de la simulation chez Fernando Pessoa) nous montre est autre : sincérité et insinuerie cheminant paradoxalement, côte à côte ; et cet auteur, apparemment naïf, spontané et décadent, vu dans les détails de son écriture, se révèle passionnément en quête de l'ultime moralité, celle de la forme, seule garante de la modernité¹¹. Tourant le dos aux mots et aux images rares et riches qu'un certain courant symboliste employait, António Nobre a plutôt choisi, pauvres comme son prénom, les mots courants de la langue portugaise. Mais nous les retrouvons extraordinairement ennoblis, soit par un travail pour ainsi dire exhaustif sur les potentialités du portugais, par exemple, au

¹⁰ Dans la terminologie de Gérard Genette (*Figures III*, Paris, Seuil, 1972, pp. 77-122), «anachronique narrative – une discordance dans l'ordre du récit – consistant à évoquer après coup un événement antérieur au point de l'histoire ou l'on se trouve ; elle s'oppose à la prolepse, manœuvre narrative consistant à raconter ou évoquer d'avance un événement ultérieur».

¹¹ Voir Roland Barthes, *Le degré zéro de l'écriture* suivi de *Nouveaux essais critiques*, Paris, Seuil, 1972.

niveau des diminutifs (impossibles à traduire exactement), soit aux divers niveaux qui constituent le rythme. Et ici encore, l'analyse de ses nombreux manuscrits se révèle fondamentale : à différentes étapes de la production, nous voyons, pour tel poème, changer le contenu, le titre, presque tout le poème, pourvu que le choix du mètre et du rythme se maintiennent parfois concentrés dans un vers lumineux, un vers-noyau, souvent le premier vers ; justement ce premier vers que Valéry considérait comme le don des dieux¹².

Si Nobre n'a guère été sensible à certaines des nouveautés que quelques-uns portaient en écharpe, il a, d'autre part, assumé intimement, en entier, cette fameuse primauté du rythme que Valéry considérait comme l'essence de l'aventure symboliste : « Ce qui fut baptisé : le *Symbolisme*, se résume très simplement dans l'intention commune à plusieurs familles de poètes (d'aillieurs ennemies entre elles) de reprendre à la Musique leur bien¹³. Ayant travaillé les mètres réguliers, par exemple, le décasyllabe de plusieurs types et l'alexandrin, le poète a également défriché les sentiers du vers libre et du poème libre. Il a joué une gamme très variée de mètres et de structures strophiques – du sonnet au poème très long – avec la surprenante maîtrise d'un style de vers-conversation, vers intime, vers amical. Parallèlement à cette simplicité de surface, où des pauses éventuelles viennent nonchalamment se poser, on découvre des séduction rythmiques inéluctables : des intonations (potentielles, bien

¹² « Les dieux, gracieusement, nous donnent *pour rien* tel premier vers ; mais c'est à nous de façonner le second, qui doit consonner avec l'autre, et ne pas être indigne de son aîné suraffecté. Ce n'est pas trop de toutes les ressources de l'expérience et de l'esprit pour le rendre comparable au vers qui fut un don. », *Avant-Propos*, *Variété I et 2*, p. 87.

¹³ « Avant-Propos » (à *La connaissance de la Déesse*), *Variété I et 2*, cité, p. 87.

sûr) finement soulignées par Oscar Lopes¹⁴ à un niveau de contrepoint dans le long poème *Na estrada da Beira (Sur la route du rivage)*.

Ainda vejo a tua caza, e oíço os teus gritos

(Mas nas janelas e na porta vejo escriptos.)

O Vasco é ainda sempre triste, sempre sério

(Mas mais ainda quando vem do cemitério).

Meu quarto de dormir vejo-o no mesmo estado

(Mas não sei que é não me parece tão caído).

Je vois encore ta maison et j'entends tes cris

(Mais sur les fenêtres et sur la porte, je vois des inscriptions)

Vasco reste toujours triste, toujours sérieux

(Mais plus encore quand il vient du cimetière).

Ma chambre à coucher, je la vois dans le même état

(Mais je ne sais pourquoi, elle me paraît moins blanche de

chaux)¹⁵

De très belles cascades d'intonation dans des vers comme

Mannuel, tens razzo. Venho tarde. Desculpa.

Mannuel, tu as raison. Je viens tard. Pardon.¹⁶

¹⁴ A Oralidade de Nobre, *Modo de ler: Crítica e interpretação literária / 2*, 2.^a ed. revista e acrescentada, Porto, Inova, 1972.
¹⁵ *Ibid.*, 2.^a ed., citée, p. 146.
¹⁶ *Ibid.*, p. 51.

ou

Morreu. Vae a dormir, vae a sonhar... Deixal-a!

Elle est morte. Elle va dormir, elle va rêver... laissez-la !¹⁷

de longues suites exclamatives, passionnément, excessivement longues
et sans aucune pompe rhétorique

○ grandes olhos outomaaes! mysticas luzes!

Mais tristes do que o Amor, solemnes como as cruces

○ olhos pretos! olhos pretos! olhos cõr

Da capa d'Hamlet, das gangrenas do Senhor!

○ olhos negros como Noites, como poços!

○ fontes de luar, n'um corpo todo de ossos!

○ puros como o Céu! ○ tristes como levas

De degredados! ○ Quarta-feira de Trevas!¹⁸

○ grands yeux automaaux ! lumières mystiques !

Plus tristes que l'Amour, solennels comme des croix

○ ces yeux noirs ! ces yeux noirs ! ces yeux couleur

De la cape d'Hamlet, des gangrènes du Seigneur !

○ ces yeux noirs comme des Nuits, comme des puits !

○ fontaines de lune, sur un corps rien que d'os !

○ purs comme le ciel ! ○ tristes comme des départs

D'exilés ! ○ Mercredi des Ténèbres !

¹⁷ *Ibid.*, p. 142.

¹⁸ *Ibid.*, p. 101.

Ou d'autre part, des suites surprenantes de concision

Falhei na vida. Zut! Ideias caídos!¹⁹

J'ai échoué dans la vie. Zut ! Idéaux écroulés !

ou bien de charmants textes à plusieurs «voix» au niveau du contenu et de l'espace sonore-disposition graphique

Que noite de inverno! Que frio, que frio!

Gelou meu carvão:

Mas boto-o a lareira, tal qual pelo estio,

Faz sol de verão!

Nasci, n'um Reino d'Oiro e amores,

À beira-mar.²⁰

Quelle nuit d'hiver ! quel froid, quel froid !

Mon charbon est gelé :

Mais je l'ai jeté dans l'âtre et comme en estivage

Il fait un soleil d'été !

Je suis né dans un royaume d'Or et d'amour

Au bord de la mer.

¹⁹ *Ibid.*, p. 129.
²⁰ *Ibid.*, p. 13.

Ce n'est sans doute pas par hasard que Fernando Pessoa, as-
sez économe en éloges par rapport à ses «ancêtres» a un jour écrit :
«D'Antônio Nobre viennent tous les mots chargés de sens lusitanien
qui ont été prononcés depuis lors. Ils se sont haussés jusqu'à un sens
bien plus élevé et plus divin que celui qu'il a balbutié. Mais il fut le
premier à rendre européen ce sentiment portugais des âmes et des
choses, qui souffre de ce que les unes ne soient pas des corps pour
pouvoir leur faire fête et que les autres ne soient pas des personnes
pour pouvoir parler avec elles (...). Quand il est né, nous sommes
tous nés. La tristesse que chacun de nous emporte avec soi, même
lorsqu'il éprouve de la joie, c'est encore lui et sa vie, jamais tout à fait
réelle ni vécue avec certitude, c'est en fin de compte le résumé de
la vie que nous vivons – orphelins de père et de mère, abandonnés
par Dieu, au milieu de la forêt, et pleurant, pleurant inutilement, sans
autre consolation que celle, infantile, de savoir que c'est en vain que
nous pleurons»²¹.

Voilà peut-être un des rares moments où, pris au piège du charme
de Nobre, Pessoa a oublié sa prose parfois tétue (quand elle est sys-
tématiquement théorique), qu'il devait souvent pratiquer comme une
sorte de gymnastique mentale. Pour se laisser aller à la sincérité.
Et, sur ce point, je propose qu'on s'arrête. Un temps vu qu'on
s'acharne à parler des poètes. Un autre, enfin, qu'on les écoute.

²¹ «Para a memoria de António Nobre, *A Galeria*, n.ºs 5 et 6, Fevereiro de 1915.

LES INTIMES CONTRAINTES¹

*... eu compendo estes versos, tu a lel-os,
E ambos scismando na floresta amiga...²

Quando on lit Antônio Nobre, l'idée d'une forte composante orale est, je crois, inévitable. À cette oralité éblouissante vient s'ajouter, bien plus naïvement, une idée de spontanéité que la critique souligne souvent.

Mais quand on fréquente la totalité extrêmement riche, complexe, parfois labyrinthique que forment ses manuscrits et ses épreuves typographiques, étapes d'une perfection très longuement travaillée, on

¹ Comunicação apresentada no Colóquio *Du Symbolisme au Modernisme au Portugal*, Paris, Março de 1990. Publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Linguas e Literaturas*, II Série, vol. IX, 1992, pp. 139-171.

² Le jour où j'ai présenté ce texte Dieter Woll m'a, tout naturellement, parlé de R. A. Lawton, que je citais dans mon titre... J'en ai été absolument ébahie : je n'avais pas la moindre idée d'avoir cité qui que ce soit ; ayant oublié que la langue de travail était le français, j'avais même choisi comme titre «Antônio Nobre: os intimos caminhos». Au moment où j'ai dû envoyer le titre, donc le traduire, la seule traduction qui m'a pu être proposée était «Les intimes contraintes». Au cas où j'aurais été inconsciemment influencée par *Almeida Garrett. L'Intime Contrainte*, Paris, Didier, 1966, livre que je ne possède pas mais j'ai lu il y a quelques quinze ans, quand j'étais étudiante, j'aimerais enregistrer ce parcours et remercier son auteur de sa gentille trouvaille.

³ Antônio Nobre, 50, 2.ª ed., Lisboa, Guillard, Alluard & C.ª, 1898, p. 121.

commence à s'apercevoir que l'oralité et la spontanéité ne sont que des astucieux effets textuels, des contrepoints, des pôles symétriques, par rapport à une vie minutieusement écrite.

L'ensemble des papiers de Nobre, manuscrits proprement dits, dont plusieurs cahiers et de nombreuses feuilles détachées, plus de trois centaines de lettres et papiers de toute sorte (par exemple, concernant son séjour en tant qu'étudiant à Coimbra, puis à Paris) témoignent que ce poète, dont Fernando Pessoa a dit que la vie n'a jamais été complètement vécue³, vivait l'écrit comme passion. Car si le fait de prendre des notes à propos de quoi que ce soit un peu partout (par exemple, sur ses cartes de visite) n'est pas en soi-même étrange, il est, au contraire, assez bizarre de les garder. Cette passion de l'écriture se lie, en dernière analyse, à l'idée même de conserver⁴ : ses photos, son gilet, ses pipes, la feuille de lierre offerte par une fille ou cette autre, de platane, sur laquelle il a mis des impressions de Coimbra. Et, comme on a vu, des tas de papiers.

Considérés comme un tout, ces registres disponibles, très nombreux, parfois hétéroclites ou même inextricables⁵, proposent une forte idée de cohérence : il s'agit d'un ensemble extrêmement net (bien que

³ Para a memória de António Nobre, *A Galeria*, n.ºs 5 e 6, Fevereiro de 1915.
⁴ Il faut ici faire l'éloge de Augusto Nobre, le frère du poète qui a toujours veillé sur sa vie. C'est fondamentalement à lui que nous devons, après la mort de António, cet héritage physique dont il est question ici.

⁵ Au fait d'avoir été légués par Augusto à plusieurs bibliothèques ou à des amis, ce qui rend évidemment plus difficile une vision d'ensemble, vient se joindre la complexité de nombreux manuscrits (voir à ce propos fig. 1). La Biblioteca Municipal de Matosinhos, à partir d'ici désignée par B.P.M.M., possède, par exemple, plusieurs cahiers manuscrits dont la numération, ne suivant pas un ordre rigoureusement chronologique (en certains cas, d'ailleurs difficile à établir), ne doit être indiquée qu'à titre d'identification.

lacunaire) des brouillons d'une œuvre et d'une vie, binôme à frontière assez mouvantes. La vie, on sait à peu près ce qu'elle a été, bien qu'à tout moment elle s'entremêle d'une œuvre qui la devance, la compense, la construit en tant que fiction évidente mais bâtie sur des cascades successives de vrai, voire de pièces à conviction⁷ : l'œuvre,

⁶ Voir Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de António Nobre*, 3.^e ed., revista e ampliada, Lisboa, Bertrand, 1980 ; António Nobre, *Correspondência*, Org., Introd. e Notas de Guilherme de Castilho, 2.^e ed., ampliada e revista, Lisboa, IN-CM, 1982 ; Prefácio, algumas cartas e notas para o volume *Cartas e bilhetes-postais a Justino de Montalvo*, Organização por Alberto de Serpa, Separata do «Boletim da B.P.M.M.», n.º 2, s/d. ; Aníbal Pinto de Castro, *António Nobre, Alberto de Oliveira e o editor França Amado – Correspondência inédita*, Separata do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. XXXIV, 2.^a Parte, Coimbra, 1979 ; António Nobre, *Correspondência com Cândida Ramos*, Leitura, Prefácio e Notas de Mário Cláudio, Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto – II Série, Porto, B.P.M.P., 1981 ; António Nobre, *Primeiros Versos e Cartas Inéditas*, Organização de Víale Mouzinho, Porto, Editorial Notícias, 1982.

⁷ Nobre souligne lui-même ce curieux contrepoin dans une lettre à Justino de Montalvo, datée de juillet [1899] : «Deus castigou-me. Quando era feliz e apenas tinha arranhaduras dos 19 anos escrevia os "Males de Anto", exagerando tudo. Agora é que os sinto, depois de os ter expressado em literatura» (*Correspondência*, cit., p. 438). Quant aux pièces à conviction, je choisis un exemple charmant : on ne peut s'empêcher de sourire quand on découvre que le sonnet «Sia Iria», 50, 2.^e ed., p. 141, qui portait cette parenthèse curieuse, apparemment très référentielle «Que floresceu em Nabancia no seculo VII» était dans une feuille d'un des cahiers de *Alicerces* (Ca-derno I) nommé «Santa Cecilia» et portait la parenthèse, très référentielle aussi sans doute, «À vista d'um quadro de Delaroché»; en haut de la feuille, l'auteur a ajouté : «Impressionado por um quadro de Joaquim de Araújo. Feitos no parque do Hotel Estefania, em Leca, 1888. Sexto verso emendado por Junqueiro.» Quelles références croire ? Ou plutôt quels effets de réel ? (Cette version du poème, d'ailleurs assez proche de la finale, est publiée dans António Nobre, *Alicerces segundo de Livro de Apontamentos*, Leitura, prefácio e notas de Mário Cláudio, Lisboa, IN-CM / Câmara Municipal de Matosinhos, 1983, p. 58). Ajoutons encore une étape de transition au cours de ce procès de référence au fond si fictionnel : dans la 1^{re} édition de 50, p. 102, le titre était simplement «Sia Iria» et la sainte se dorait d'une atmosphère amicalement portugaise. Je transcris le premier tercet, responsable pour ces variations :

c'est un parcours long et incomplet où le miracle du 50⁸, deux fois accompli⁹, est la résolution brillante d'une équation difficile, jour à jour reprise, d'abord en brouillons plus ou moins refusés, puis en des copies devenant plus propres, un jour enfin en épreuves nombreuses, amoureusement corrigées.

Parmi les mots, phrases, vers, bouts de vers, poèmes plus ou moins achevés, notations de tout type parvenus jusqu'à nous, deux tendances opposées concernant le passage à l'écrit s'esquissent très nettement : d'une part la note isolée, d'autre la présence de la série.

La note peut être très brève (un mot ou un bout de phrase ou de vers, un ou deux vers éventuellement) et souvent elle est exclamative. En ce cas, plutôt que l'émergence d'une donnée objectivée, elle paraît exprimer une pulsion émotive fondamentale. On est en présence du plus pur enthousiasme, synecdoque du lyrisme au sens ou Valéry le considérerait comme le développement d'une exclamation¹⁰. On éprouve le rare privilège de voir jaillir la poésie dans un état primitif, chaud et assez informel (bien que le fait de parler de phrase exclamative présuppose, évidemment, une forme).

«A lua, cantam as aldeas de Ribafolia/ E ao verem-na passar, phantastica barquinha/ Exclamam todas: "Olha um marmore que aboia!". Une étude très approfondie de ce poème, accompagnée des *fac-similes* des plusieurs autographes disponibles, est faite par Maria Manuela Delille, *A "Santa Ina" de António Nobre ou a nacionalização do motivo de Ofélia*, Sep. de «Bíblos», Vol. XLV, Coimbra, 1975.

⁸ Le mot «millage» est deux fois employé : Vitorino Nemesio, «O 50 de António Nobre», in *Despedidas*, 4.^e ed., Pref. de José Pereira de Sampaio (*Bruno*), Porto, 1945, pp. 179-183 ; Eduardo Lourenço parle aussi de «millage» dans «Considerações Finais» de *Sentido e Forma da Poesia Neo-realista*, 2.^e ed., Lisboa, Dom Quixote, 1983, pp. 203-212.

⁹ 50, Paris, Léon Vanier, 1892 ; 2.^e ed., 1898, cit. Note 2. *Littérature, Œuvres*, II, Paris, Gallimard, 1960, p. 549.

Quant à la série, recouvrant les ensembles les plus variés, elle se trouve aussi un peu partout et témoigne de la recherche systématique pour noter la suite de motifs et/ou de rimes à inclure dans certains poèmes («Antonio», «Purinha» et «Na estrada da Beira», par exemple), l'index très souvent refait de plusieurs projets de livres, notamment du seul qu'il a cru achevé, *Só, les gens de lettres à qui l'offrir, à sa parution, plusieurs anecdotes identifiables (par lui), les objets «hérités» (par ses amis à Coimbra), ou les médécins qui ont soigné Anto*¹¹.

La lecture de Nobre nous montrera qu'il s'agit, en fait, de tendances fondamentales dans son œuvre : une émotion pétillante en quête d'une forme stable, résistante, définitive.

Ensemble à certaines étapes de la production du texte, mais appartenant à un niveau hiérarchique autre, la mémoire des formes poétiques côtoie la série, la croise, la dépasse. On voit ainsi apparaître, à partir d'un vers-phare, isolé, étincelle divine, le choix d'un mètre, sa mémoire, le champ d'altérations (en certains cas, chancier commun des Symbolistes) à engendrer : c'est en effet le plus commun des cas dont un exemple simple pourrait être «Enterro de Ophelia», titre au cours des étapes antérieures «A Morte de Orelia», ou seul le premier vers se maintient intact (sauf la transformation du deuxième point final en points de suspension) jusqu'à la leçon définitive. On est sans doute d'accord avec Nobre sur le fait qu'il n'a jamais hésité à maintenir ce vers magnifique, si typique de son oralité amicale, où une subtile symétrie rythmico-anaphorique s'entremêle à la douce cascade de quatre descentes successives formée par l'intonation :

¹¹ Voir Guilherme de Castilho, *Alguns inéditos dos Cadernos de Antônio Nobre*, «Diário de Notícias», 14/09/1967, 19/09/1967, 28/09/1967 ; Id., *Vida e obra...*, cit. ; voir aussi *Aliceres seguido de Livro de Apontamentos*, cit. Voir ici pp. 152-4 et fig. 9.

Morreu. Vae a dormir, vae a sonhar. Deixal-a!¹²

000000/000000

Plus rarement une séquence surgit, brutale ou souple, en quête d'un début et/ou d'un titre qui la couronne. Ici «Purinha» montre une démarche paradigmatique : à un premier brouillon assez instable fait suite un autre commençant avec le fameux début

○ Espírito, a Nuern, a Sombra, a Chymera,¹³

qui dictera dorénavant mètre et rimes définitifs. Quant au titre, António Nobre choisira d'abord «Minha Mulher», puis essayera «Senhora Nobre» pour se fixer sur «Purinha», forme féminine d'un adjectif qu'il avait plus d'une fois employé à propos de son ami Alberto de Oliveira : «Purinho». Toutefois, un peu mécontent de cette trouvaille absolument logique par rapport à la suite du poème et à son langage personnel, il essayera de lui ajouter un sous-titre dont les exemples qui suivent, manuscrits sur l'exemplaire de 1^{re} édition, corrigée par l'Auteur en vue de la 2^{ème}¹⁴, sont tous rayés : «Ideal d'um decadente», «Ideal fim-de-

¹² Sô, cit., p. 142.

¹³ B.P.M.M., Espólio A.N., Caderno 3, p. 34 et 37.

¹⁴ Biblioteca Pública Municipal do Porto (désignée à partir d'ici par B.P.M.P.),

Museu de Autógrafos, [p. 18]. Cet exemplaire, connu couramment par «Sô da Pu-

rinha», est en effet, extrêmement curieux. Cette identité, commodément non mise en

question, vient du fait qu'il porte une dédicace autographe, écrite à l'encre, qui a du

être «A Margarida, glorioza Muza do "Sô", o seu Poeta, reconhecido Antonio.» Mais

quelqu'un a essayé d'effacer cette dédicace ne laissant que la signature. Nous y revien-

drons. En haut, Augusto Nobre, au moment d'offrir le livre à la bibliothèque a écrit :

«A Biblioteca Publica Municipal do Porto of. Aug. Nobre 30-10-34, ce qui n'éclaircit

«-seculo»), «Ideal d'um Parisiense», «Sonho d'um Poeta mystico»), «Ideal Christão». Remettant le choix à plus tard, Nobre écrita en haut de la page : «je vous enverrai plus tard un sous-titre que j'ai pas pu trouver encore», note remplacée par celle-ci : «je n'enverrai rien. Imprimez «Purinha» tout seulement». Et le titre est resté.

que l'étape finale de l'offre à la bibliothèque. Mais on s'interroge alors : qui a essayé d'effacer cette dédicace ? À quoi bon le faire ? Et un tas de questions nous sautent aux yeux. Voyons d'abord ce qui fait de cet exemplaire un cas unique. Il s'agit, au départ, d'un exemplaire de la 1^{ère} édition de *Sô*. Extremement managé, il porte même sur la première page de «Ballada do Caixaó» une petite bande de papier collée. Un usage poursuivi, évident, a fait qu'il s'en perde des feuilles. Donc, quelqu'un a collé, pour que le texte soit à peu près complet, plusieurs feuilles d'épreuves (qui ne sont même pas les dernières épreuves). Il s'agit d'un ensemble reconstruit comme un tout mais sans un souci esthétique envers l'exemplaire même. Il s'acharne à conserver fondamentalement tout le texte. Ça et là, on trouve de brefs sauts ou des répétitions. La plupart des pages – soit du livre proprement dit, soit du papier jauni des épreuves de la 1^{ère} édition – portent des corrections autographiques rigoureuses et attentives à plusieurs niveaux, dont le but est clairement la 2^{ème} édition du livre, également préparée en France. Ajoutons, pour une connaissance essentielle de ce précieux exemplaire, d'autres éléments assez significatifs. Heureusement, le livre n'a pas été relié. Sa couverture, en mauvais état, porte l'aspect graphique de la couverture de la 1^{ère} édition, certes, mais encore en épreuves – on y trouve des corrections autographiques et elle est faite de papier jauni, fragile. On n'y constate pas le pliage spécifique de la couverture de la 1^{ère} édition. À la fin du volume on trouve (cela fait partie du *corps* du livre) «Taboa» portant au verso l'«achevé d'imprimer...» en sa forme typographique définitive. Puis, deux pages de garde. Au verso de la première on est surpris par le très curieux poème (?) autographe reproduit fig. 10; la feuille suivante porte au verso le brouillon d'une lettre à la Comtesse de Cascaes, probablement de l'année 1898, époque du séjour de Nobre et de cette famille à Madère. Elle se poursuit au recto. À la fin du volume, le recto de la couverture, absolument détachée à cause de la fragilité du papier et d'un usage intense, porte cette annotation autographe, due sans doute à la typographe «achevé d'imprimer le avril mil huit cent quatre vingt douze pour Leon Vanier éditeur par Henri Jouve imprimeur à Paris» où, en dehors d'une faute verbale évidente («Imprimé»), on remarque qu'on ne savait pas encore la date exacte ou le *Sô* serait terminé. Verticalement, bien que rayé, on lit, «Monsieur Nobre 21 rue Vallette 21», adresse de l'auteur au moment de la 1^{ère} édition de *Sô*. Donc, la

Du point de vue strophique, une forme fixe s'impose pendant toute cette vie écrite traversée avec éclat par la strophe et le vers libres : c'est le sonnet. Curieux choix, rigoureux, rigide et court pour qui fera aussi d'inoubliables longs poèmes hérissés de points d'excla-

couverture est, parait-il, en épreuves pour l'édition de 1892 ; par contre, l'intérieur du volume est fait, corrigé, abîmé, restauré et surtout longuement mané.

Et la question de la dédicace prend alors une toute autre allure. Nobre aurait-il en effet offert cet exemplaire à Purinha ? J'en doute fort, bien qu'il ne soit pas impossible qu'il le lui ait remis et, qu'au moment de leur rupture, en 1896, elle le lui ait renvoyé. Mais, d'une part, jamais l'existence de cet exemplaire n'est référée dans leur dernière correspondance, en absolu contraste avec les lettres, soigneusement restituées, dont la correspondance parle en détail ; et curieusement, ce n'est que très longtemps après, dans une lettre de 10/07/93, que Nobre fait allusion à l'envoi de son livre à Margarida : « Un exemplar será para ti: vê lá! Devias ser a primeira a recebê-lo e es a última... » (*Correspondência*, cit. p. 181) ; d'autre part, l'usage évident de cet exemplaire témoignerait plutôt de la réalité d'un exemplaire de travail de l'auteur que de celui d'une lecture, même dévouée ; la fin du « namoro » est daté de 1896 et Nobre écrit en 17/07/95 à son frère Augusto qu'il a vendu, avant de quitter Paris, la 2^{ème} édition de 50 (voir *Correspondência*, cit. p. 254). Or, à ce moment, il a du y laisser le texte de cette 2^{ème} édition et tout porte à croire qu'il serait, pour les poèmes parus en 1892, celui de cet exemplaire. D'autre part, la Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possède un exemplaire de la 1^{ère} édition portant la dédicace suivante : « A Senhora D. Florinda de Cabral Lucena com os meus mais altos respetos Antonio Nobre Pariz, 22 Abril 1892. Tout en consultant les listes de gens à qui offrir 50, conservées à la B.R.M.P. (MSBR 823), on voit qu'elles sont très différentes. Dans l'une d'elles, plutôt professionnelle, on lit surtout des noms d'hommes, les notables de l'époque ; dans une autre, plus brève, plus intime, «Margareth» est le deuxième nom, suivi de celui de sa mère, «Sr^a D. Florinda». Que s'est-il passé ? Le Poète aurait-il offert un exem- plaire à Mme de Lucena et un autre à sa fille ? L'aurait-il envoyé à Margarida pour un court délai, pour qu'elle le voie la première, après quoi elle le lui aurait rendu ? En ce cas, aurait-elle copié la dédicace comme parait indiquer une petite feuille de bloc – autographe attribuée à Purinha – qui a appartenu à Alberto de Serpa (B.R.M.P., MSBR 810) ? On ne peut, je crois, que formuler des hypothèses. Ce qui me parait le plus probable est que, corrigeant un premier mouvement d'écriture impulsif et urgent dont on retrouve tant d'exemples dans ses papiers, Nobre ait lui-même effacé

maton, où parfois, comme l'a souligné Oscar Lopes, une information (potentielle) se fait presque obséquieusement présente¹⁵.

Le long de sa recherche de l'écriture poétique, António Nobre, bien qu'influencé par différents écrivains en différentes époques, sera surtout fidèle aux intimes contraintes de la fragmentation totalisante (qui ne fait rien, transformant en écriture, quoique fragmentaire, tout enthousiasme ou tout soupir), et de la totalité, image possible de la perfection. Ces tendances, pôles structurants de (son ?) discours, se côtoient et se mêlent, par exemple, dans les séries exclamatives, abso- lument typiques de cet auteur, présentes soit dans les poèmes courts soit dans les plus longs.

Ainsi parallèlement à des notes isolées ou formant une sorte de pluie visuelle, extrêmement serrée et paraissant anarchique¹⁶, on trouve le poème qui surgit par surdétermination strophique, de mètre, rime ou série de tout type. Et si les ratures sont ici pertinentes, les blancs le sont davantage. Souvent, même dans le manuscrit apparemment dernier de *Sô* (qui sera publié à Paris par Vanier en 1892) on voit dans des poèmes presque prêts un «trou» plus ou moins long. C'est le

cette dédicace (non permise par les codes portugais de l'époque ?), ayant conservé cet exemplaire comme son texte de travail. Le fait qu'il ait offert très vite son livre à Mme de Lucena est sûr ; le reste est incertain.

La page initiale de «*Purinha*» qui a été à l'origine de cette note est reproduite dans *Sô*, 18.^a ed., Porto, Tavares Martins, 1979. Au moment de la correction des épreuves de cet article, j'ai appris qu'il venait de paraître une édition *fac-simile* de cet exem- plaire de *Sô* (António Nobre, *Sô, Edição Chez Léon Vanier, Paris, 1892*, Paris, Missao Permanente de Portugal junto da Unesco, 1992; textes préliminaires de José Augusto Seabra, José Santos Teixeira et Luís Cabral).

¹⁵ «*Oralidade de Nobre, Modo de ler, Crítica e interpretação literária / 2*, 2.^a ed., revista e acrescentada, Porto, Inova, 1972.

¹⁶ Voir fig. 1.

dernier pas à franchir pour que le poème soit prêt, accompli. Parfois, le blanc porte même la marque d'une série à continuer, séquence anaphorique, structurante :

Olha esse tystico a tossir, à beira mar...

Olha esse que teve Torre de Coral¹⁷

Dans les deux éditions de *Sô* la série anaphorique est un peu amoindrie, le deuxième vers devenant :

Olha o bebê que teve Torre de coral¹⁸.

Mais le chemin antérieur, on le trouve souvent comme trace très claire, lisible à différents degrés : dans le plus extrême des cas, la forme, devenue plus décodable à la suite de longs contacts avec l'ensemble des manuscrits, s'impose, sans que le blanc primordial ait pu disparaître. Les feuilles de cahier reproduites figs. 6 et 7¹⁹ montrent sans équivoque l'émergence de la forme sonnet. Choix que sa fortune chez les meilleurs poètes portugais ne justifie aucunement. Par sa brièveté, le sonnet représentait un défi difficile, mais en même temps la sûreté séduisante d'une « cage » fermée que ce poète a su, dans les meilleurs moments, rendre très personnelle ; « amíga », dirait-il. Plus tard, la pré-

¹⁷ B.P.M.P., Museu de Autógrafos, Manuscrito do *Sô*, f° 99. Le même blanc était dans le brouillon du poème, B.P.M.M., Esp. A.N., Caderno 3, f° 57.
¹⁸ 1^a ed., p. 112 ; 2^a ed., p. 103.
¹⁹ B.P.M.M., Esp. A.N., Caderno 5, f° 2 v-3 et 10 v-11.

férence pour cette forme sera renforcée par son état de maladie, fait qu'il souligne dans une lettre à Antero de Figueiredo²⁰.

La contrainte métrique se lit en toute clarté dans un poème inclus dans un petit cahier de jeunesse ou quelques vers, réalisés comme féminins (graves), sont suivis de la notation «agudo», comme s'ils devaient devenir aigus (masculins) (voir fig. 2). Un examen attentif du brouillon nous fait voir un poème sans un grand intérêt, saturé de littérature au sens Verlainien du mot et que l'auteur n'a presque pas repris après ; cependant, du point de vue de la genèse, l'analyse devient beaucoup plus intéressante. Il s'agit d'un texte évidemment inachevé où un parcours paraît avoir été fait. Je le note dans la version que je crois première, montrant ensuite les corrections qu'il a subies et celles qui ne sont présentes qu'à titre d'hypothèse.

[illisible] d'estrellas

1

- | | |
|---|--------------------------|
| 1 | Quando rompe a madrugada |
| 2 | E as aves deixam o ninho |
| 3 | Eu vou deitar-me sosinho |
| 4 | Em meu tumulo modesto |

²⁰ Ilha da Madeira, Fevereiro 20 [1898]

Meu caro amigo,

Ameaçou-me na sua carta não me enviar o livro sem receber carta minha – e cumprir. Gosto muito do cavaco postal e de todos os cavacos, mas um doente nem sempre pode, e um doente como eu, vivendo à mercê de Deus, dos termômetros e dos barômetros. (...) Pouco tenho escrito do meu poema. Sonetos, sim, e bastantes: são composições ligeiras que faço mesmo na cama, luz apagada – ou passando ao Sol. (*Primeiros Versos e Cantos Inéditos*, cit., pp. 190-1).